

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICA  
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

MIRIAM ELIZA DA SILVA GOULART

**Para além da feira: um estudo sobre as interações sociais de feirantes e a necessidade de transformações em tempo de pandemia.**

FLORIANÓPOLIS

2021

MIRIAM ELIZA DA SILVA GOULART

**Para além da feira: um estudo sobre as interações sociais de feirantes e a necessidade de transformações em tempo de pandemia.**

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof. Dra. Viviane Vedana

FLORIANÓPOLIS

2021

Todos os direitos reservados. É proibido a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Goulart, Miriam Eliza da Silva

Para além da feira: um estudo sobre as interações sociais de feirantes e a necessidade de transformações em tempo de pandemia. / Miriam Eliza da Silva Goulart ; orientador, Viviane Vedana, 2021.

79 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Ciências Sociais, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Ciências Sociais. 2. Sociabilidade e territorialidade. 3. Sociabilidade virtual. 4. Ciberespaço. 5. Comunidade. I. Vedana, Viviane. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

Miriam Eliza da Silva Goulart

**Para além da feira: um estudo sobre as interações sociais de feirantes e a necessidade de transformações em tempo de pandemia.**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais, e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Ciências Sociais.

Florianópolis, 20 de maio de 2021.

---

Prof. Letícia Maria Costa da Nóbrega Cesarino, Dra.  
Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Viviane Vedana, Dra.  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Alícia Norma González de Castells, Dra.  
Universidade Federal de Santa Catarina



---

Profª. Juliana Cavilha Mendes Losso, Dra.  
Universidade Federal de Santa Catarina

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço à Deus pelo dom da vida, por me permitir ultrapassar todos os obstáculos que encontrei na área da saúde ao longo da realização deste trabalho.

Ao meu esposo Marcos, “coautor” da minha vida, e ao meu filho João Marcos, meus grandes amigos e incentivadores, que me deram todo apoio e ajuda em todos os momentos que necessitei.

Agradeço à minha mãe Mari, ao meu pai Robinson e aos meus sogros, Fátima e Alvim, os quais sempre me apoiaram das mais diversas formas em todos os meus objetivos, compreendendo muitas vezes minha ausência.

À minha orientadora, prof<sup>a</sup> Viviane Vedana, pela sua dedicação, disposição e intensa paciência, todas as vezes que estive indisposta por conta de adoecimento, isso foi essencial para a existência deste trabalho.

Às membras das bancas de qualificação e julgamento, prof<sup>a</sup> Alícia González de Castells e prof<sup>a</sup> Juliana Cavilha Losso, pela disposição e preciosas contribuições.

À prof<sup>a</sup> Maria Soledad Orchard, por ter acreditado no meu potencial desde a primeira fase da graduação, com quem tive a honra de colaborar com estudos e pesquisas no Laboratório de Sociologia do Trabalho. E agora, na reta final, também ministrou a disciplina Seminário de Pesquisa, me impulsionando a persistir.

Aos servidores públicos, Rose e Rogério (*in memorian*), junto a secretaria do curso de Ciências Sociais, que eficientemente me prestaram suporte todas as vezes que precisei me ausentar de sala.

A todos os professores do curso que adaptaram suas aulas, me prestando todo suporte para que eu pudesse cursá-las sob regime domiciliar, cada vez que estive em processo de recuperação cirúrgica. Vossa disposição, ensino e encorajamento me estimularam a prosseguir e a suplantar as adversidades.

Muito obrigada!!!

## RESUMO

As novas tecnologias da comunicação têm transformado o sentido de presença nas relações sociais, o tempo e o espaço não se apresentam mais como barreiras para a sociabilidade. Relações sociais já estruturadas no espaço físico, podem ser reinventadas neste novo espaço imaterial, tal como a sua forma, sua organização e suas dinâmicas. Diante disso, essa pesquisa objetivou estudar as interações sociais de um coletivo de feirantes no ciberespaço, impedidas de continuarem ocorrendo face a face, devido ao distanciamento físico ocasionado pela pandemia do coronavírus. A problemática se volta para a compreensão das estruturas e dinâmicas dessas interações frente ao fenômeno transitório das relações sociais fundamentadas no território da feira sendo transportadas para as redes sociais. A escolha pelo tema se deu pela interrupção abrupta das interações presenciais, tendo como recurso o uso das redes sociais para manutenção da coesão do grupo. Deste modo, este é um momento ímpar para estudar a transição dessas relações sociais para o ciberespaço. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de característica exploratória qualitativa, como método de obtenção de dados relevantes para efetivação da proposta estabelecida. Assim, os dados desta pesquisa foram coletados por meio da etnografia virtual, mediante observação oculta das interações dos feirantes entre si, por meio das redes sociais, e entrevistas estruturadas, via chamada de vídeo com 30 feirantes. Posteriormente foi feita a interpretação e análise dos dados com auxílio do referencial teórico, através de análise do discurso, buscando melhor compreensão do fenômeno. Percebeu-se que a divisão de agrupamentos encontrados no espaço físico da feira, foram transfigurados para o ciberespaço. Contudo, o estudo apontou que o coletivo de feirantes têm adaptado sua sociabilidade para novos modos de interações virtuais, com propósito de manter a preservação dos seus laços sociais, e que a exclusão digital de feirantes mais idosos tem sido um obstáculo para a efetivação desse objetivo.

**Palavras-chave:** Sociabilidade. Comunidade. Territorialidade. Sociabilidade Virtual. Ciberespaço.

## ABSTRACT

The new communication technologies have been turning the sense of presence in the social relations when time and space no longer present themselves as barriers to sociability. Structured social relations in a physical space may be re-invented in this new immaterial space such as its form, organization, and its dynamics. Therefore, this research aimed to study the social interactions of a collective of market traders in cyberspace, which were prevented from continuing to occur face to face due to the physical distance caused by the coronavirus pandemic. The problem turns to the understanding of the structures and dynamics of these interactions in face of the transitory phenomenon of social relations based on the territory of the fair being transported to the social networks. The choice for this theme was due to the abrupt interruption of face-to-face interactions, using social networks as a resource to maintain group cohesion. Thus, this is a unique moment to study the transition of these social relations to cyberspace. In face of this, a qualitative exploratory research was carried out, as a method to obtain relevant data for the effectiveness of the established proposal. Thus, the data in this research were collected through virtual ethnography, using covert observation of the marketers' interactions with each other through social networks, and structured interviews via video call with 30 marketers. Later on, the data was interpreted and analyzed with the help of the theoretical framework, through discourse analysis, seeking a better understanding of the phenomenon. It was noticed that the groupings divisions have founded in the physical space of the fair was transfigured into cyberspace. However, the study pointed out that the market traders have adapted their sociability to new modes of virtual interactions, keeping the preservation of their social bonds, and that the digital exclusion of older market traders has been an obstacle to the accomplishment of this goal.

**Keywords:** Sociability. Community. Territoriality. Virtual Sociability. Cyberspace.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Apresentação do boi-de-mamão no palco da Feira da Freguesia.	19
Imagem 2 - Aula de zumba no palco da Feira da Freguesia.	19
Imagem 3 - Programações da última edição da feira em março de 2020.	20
Imagem 4 - Disposição das barracas no espaço físico da Feira da Freguesia.	32
Imagem 5 - Capa do grupo "Expositores da Feira da Freguesia" no Facebook.	42
Imagem 6 - Publicação dos administradores da feira no grupo do Facebook e algumas mensagens de saudades por parte dos feirantes.	43
Imagem 7 - Publicação de uma feirante ofertando seu produto no grupo do Facebook, com apenas uma interação de compartilhamento.	44
Imagem 8 - Publicação de uma feirante ofertando seu produto no grupo do Facebook, com apenas uma curtida.	45
Imagem 9 - Print screen do celular de um feirante constando que somente os administradores do grupo do Whatsapp podem enviar mensagens.	48
Imagem 10 - Publicação de uma feirante no Instagram em sua página pessoal indicando o trabalho de outras colegas feirantes por meio da marcação.	54
Imagem 11 - Respostas de feirantes, por meio de mensagens e curtidas, na publicação onde sua colega feirante às marcou (parte 1).	55
Imagem 12 - Respostas de feirantes, por meio de mensagens e curtidas, na publicação onde sua colega feirante às marcou (parte 2).	55

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	10
<b>2 CAPÍTULO I</b>	17
2.1 A FEIRA DA FREGUESIA	18
2.2. O GRUPO DE FEIRANTES NA FEIRA DA FREGUESIA - COMUNIDADE, SOCIABILIDADE E TERRITORIALIDADE	22
<b>3. CAPÍTULO II</b>	38
3.1. O GRUPO DE FEIRANTES NAS REDES SOCIAIS - CIBERESPAÇO, COMUNIDADE E SOCIABILIDADE	38
3.2. A EXCLUSÃO E A INCLUSÃO DIGITAL	61
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	67
<b>REFERÊNCIAS</b>	70
<b>APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA</b>	76
<b>APÊNDICE B - CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA</b>	79

## 1 INTRODUÇÃO

Há dois anos, quando estava cursando a disciplina “Métodos e Técnicas de Pesquisa I”, tive a oportunidade de iniciar minhas primeiras observações acerca da sociabilidade urbana no Parque Linear do Lisboa, em Forquilhas na cidade de São José, espaço que está situado há uma quadra da minha residência. Isso se deu por meio de atividades empíricas que eram solicitadas semanalmente pela professora Viviane Vedana através de suas aulas ministradas em sala de aula, todas as segundas-feiras, na Universidade Federal de Santa Catarina.

Recordo-me como se fosse hoje, que um dos exercícios metodológicos propostos foi observar o cenário urbano do seu bairro em um feriadão de final de semana, fazendo as suas anotações no seu diário de campo, e depois disso realizar a descrição densa das suas observações. Acredito que realizar aquela atividade foi o divisor de águas, o momento que percebi que queria direcionar meus estudos para a sociabilidade urbana. Ainda tenho em mente aquele dia de sábado à tarde, o vento soprando de maneira calma, o canto dos pássaros, as crianças pequenas no parquinho infantil acompanhadas por seus pais, as bicicletas pelos passeios, o som das bolas quicando nas quadras. Um parque aparentemente direcionado para lazer e práticas esportivas para um público mais familiar. E o contraste que foi chegar no domingo de manhã, em que os veículos estavam estacionados em torno do parque com os portamalas abertos, os sons ligados até o último volume, com diversos agrupamentos de jovens e adultos, bebendo, soltando suas risadas e dançando como se ninguém estivesse os olhando. Parecia que estava acontecendo múltiplas festas ao mesmo tempo, cada qual ouvindo o ritmo de sua preferência, era um parque dominado por um público jovem, grupos e interesses que aparentemente tornavam a paisagem totalmente diferente do dia anterior. Ali decidi que iria encabeçar a minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso direcionada para diferentes formas de sociabilidades e usos de espaço no parque.

Semanas depois descobri que também era realizada no parque uma feira de artesanato e gastronomia, que acontecia todo primeiro sábado do mês, então também fui realizar uma observação de campo para descobrir como se dava esse evento. Meu objetivo a princípio era observar o tamanho da feira, suas dinâmicas, fazer os primeiros contatos com os feirantes para quem sabe ter a oportunidade de realizar futuras entrevistas. Fiquei uma tarde inteira no local só observando e fazendo minhas anotações e registros, quando estava mais próximo do final do horário me aproximei e interagi com as pessoas. A recepção foi muito boa e o dia foi muito produtivo, voltei para casa satisfeita com muitos contatos de feirantes e inclusive de

frequentadores assíduos do parque, deixando programado que os procuraria no próximo semestre para sequência da pesquisa.

O semestre se encerrou e neste percurso surgiu um imprevisto, acabei necessitando passar por uma cirurgia muito delicada que me impossibilitou de dar continuidade ao que havia programado. Por este motivo fiquei meses de leito, sem poder sair de dentro de casa para realizar as observações de campo, nem ao menos me sentar para realizar uma entrevista. Passava dias lendo e pesquisando, e as minhas interações com as pessoas agora se davam através das redes sociais, foi quando comecei a me atentar mais para esse tipo de sociação. Até então nunca havia dado muita atenção às sociações que não estão fundamentadas na presença física, mas que ocorrem através de plataformas digitais.

Nesta época eu nem imaginava que poderia ocorrer uma pandemia, que pudesse colocar a sociedade em isolamento social, mas confesso que por estar na cama por vezes eu pensava: “Será que existem casos de pessoas que têm as redes sociais como único meio de comunicação e interação social?” Embora casada, mãe de um filho, eu percebia a importância do contato físico com outras pessoas, com a paisagem externa, e o quanto naquele momento, as redes sociais representavam um meio de me conectar com tudo isso.

Os meses foram passando, fui me recuperando e com isso aos poucos surgiu a possibilidade de retornar a uma vida normal, então me matriculei para iniciar o TCC. Contudo, com uma semana de aula, em 11 de março de 2020, a pandemia foi decretada pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Em todo mundo, o isolamento social foi o procedimento adotado pela comunidade científica (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2020) para conter o aumento dos casos da Covid-19<sup>1</sup>.

Confesso, que no início, não imaginei que a pandemia do coronavírus fosse atingir a amplitude que tomou e que fosse durar tanto tempo, acreditei até que fosse possível continuar com a minha ideia inicial de pesquisa, por isso aguardei. Naquele momento a presença física em locais públicos, como parques, por exemplo, não era permitida, segundo os decretos dos governos estadual e municipal, então não havia nada a fazer a não ser aguardar o decurso da situação.

Foi quando recebi um e-mail, em julho de 2020, informando que as aulas na UFSC retornariam no dia 30 de agosto de 2020, mediante ensino remoto. Assim, sem campo de pesquisa me surgiu um *insight*, fiquei imaginando como os feirantes da Feira do Parque do

---

<sup>1</sup> <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2020/07/17/governo-de-sc-anuncia-medidas-restritivas-para-7-regioes-em-nivel-gravissimo-por-cao-da-covid-19.ghtml>

Lisboa estariam vivendo aquele momento de distanciamento social? Será que eles estavam interagindo entre si através das redes sociais? O que eles estariam fazendo para manter a coesão e a sociabilidade do coletivo naquele momento de pandemia? Enviei um e-mail para a professora Viviane Vedana transmitindo esta ideia, ela prontamente apoiou e me deu algumas orientações. Então fiz contato com algumas feirantes pelo Whatsapp e descobri que a feira do Parque Linear do Lisboa havia sido encerrada um pouco antes da pandemia, contudo algumas feirantes comentaram que haviam colegas que faziam parte de uma feira maior e mais estruturada, a Feira da Freguesia no Centro Histórico de São José, e que este pessoal estava interagindo através das redes sociais. Foi neste momento que minha pesquisa mudou de campo.

Para aproximar-me do campo entrei em contato com um vereador conhecido lhe explicando a alteração do campo da pesquisa e os motivos da urgência em iniciar a etnografia. Ele repassou o contato do vereador responsável, precursor da Feira da Freguesia que posteriormente me atendeu muito bem e me repassou para a superintendente na Fundação Municipal de Cultura e Turismo da Prefeitura de São José. Dias depois enviei uma carta de apresentação com o objetivo da pesquisa e obtive autorização para dar início ao nosso trabalho de campo.

O meu primeiro contato com os feirantes da Feira da Freguesia iniciou-se através de uma mensagem escrita por mim, em que me apresentava como acadêmica, informando o objetivo geral da pesquisa de modo simplificado, sendo anexado a carta de apresentação oficial. Esta mensagem foi enviada para todos os feirantes através do diretor da Fundação Municipal de Cultura e Turismo mediante o grupo do Whatsapp “Expositores da Feira da Freguesia” e o intuito era informar que eu estava autorizada pela prefeitura a realizar a pesquisa e que também estava à disposição daqueles que quisessem participar. Claro que eles não me procuraram, do grupo todo, apenas uma feirante me chamou no Whatsapp.

Posteriormente consegui com a prefeitura contato de nove feirantes, destes nove, apenas dois me responderam. Então comecei a perceber que aquele não era o caminho para chegar até eles. Nessa ocasião, entrevistei através de chamada de vídeo aquela feirante que havia me procurado através da mensagem enviada no grupo do Whatsapp da feira, onde obtive as primeiras informações. Tive conhecimento que existia um grupo no Facebook chamado “Expositores da Feira da Freguesia”, administrado pela prefeitura, que os feirantes participavam interagindo e faziam postagens anunciando seus produtos, e que o grupo do Whatsapp em que havia sido enviada a minha mensagem de apresentação era apenas um grupo de transmissão no qual os feirantes não interagiam. Neste momento entendi que minha etnografia deveria começar pela observação do grupo do Facebook e que depois disso é que eu deveria fazer contato com

os feirantes. Foi exatamente deste modo que procedi, solicitei ao diretor da Fundação Municipal de Cultura e Turismo que me enviasse o link do grupo oficial do Facebook para que eu pudesse dar continuidade a minha etnografia virtual.

Segata (2020) alerta que o etnógrafo não pode fazer uma antropologia com os seus próprios olhos, e que para isso será necessário ele contrapor-se a si mesmo. No caso das redes sociais em específico, elas não poderiam ser simplesmente descritas, pois são os movimentos dos usuários que as concretizam, no qual o etnógrafo não pode descrever o objeto, o Facebook, o Instagram, apenas pelo seu projeto, pela sua concepção, e sim através do seu uso. Assim, a etnografia foi uma grande aliada para captar a experiência do uso dos objetos através da análise qualitativa, deste modo:

[Etnografia on-line é muito mais que acompanhar uma timeline destacar alguns prints sem de fato construir uma relação - envolvimento, afeto, intersubjetividade; sem tramar uma experiência. É preciso ir além da fotografia final de modo a superar a tendência de isolar e reduzir experiências e simples “informação” e “conteúdo”. Na Antropologia, informação e conteúdo tem rosto, tem biografia...] (SEGATA, 2020)

Nesta concepção, passei 10 dias observando de maneira oculta o grupo no Facebook, comecei pelas últimas atualizações, percebi que a maioria das mensagens realmente eram de divulgação de produtos, mas também haviam mensagens mais do início da pandemia de pedido de ajuda, de doação de alguma coisa e também de demonstração de sentimentos, como por exemplo, de saudades da feira. Percebi que de modo geral eram sempre as mesmas pessoas que postavam, curtiam e comentavam nas postagens umas das outras, e que as interações ali no Facebook não eram muitas e que quando a Fundação Municipal de Cultura e Turismo fazia alguma postagem havia mais interação de pessoas de fora que não eram feirantes. Depois de realizar minhas observações no meu diário de campo, anotei os contatos comerciais dos feirantes que estavam mais ativos dentro do grupo do Facebook, ou seja, que interagiam com postagens, curtidas ou mensagens, contatos estes que eram deixados na divulgação dos seus produtos em suas próprias postagens e passei a outra fase da pesquisa, a aproximação dos feirantes.

Minha aproximação se deu à princípio através de mensagens do Whatsapp primeiramente, com aqueles que estavam mais ativos no grupo do Facebook e desta vez meu retorno foi bem mais positivo. Claro que nem todos aceitaram fazer a entrevista, alguns afirmaram estar sem tempo, outros simplesmente visualizaram a mensagem e não responderam, mas de modo geral a recepção foi muito positiva e bastante proveitosa, no total consegui entrevistar 30 feirantes. As entrevistas foram realizadas por chamadas de vídeos do Whatsapp

e boa parte dos feirantes me permitiram “adentrar” no seu ateliê ou espaço de produção e trabalho. Tive a oportunidade não só de conhecer o seu produto, mas entender um pouco da sua arte, compreender sua história e raízes, o quanto cada um transmite de si mesmo quando desenvolve seu trabalho e como se deu sua integração ao coletivo da Feira da Freguesia. Foi uma experiência singular para mim. À medida que as entrevistas iam acontecendo a impressão que eu tinha é que eu estava conseguindo conhecer cada vez mais o perfil dos feirantes e esboçar um desenho do coletivo, pois quase sempre algum feirante me perguntava se eu já tinha entrevistado um amigo do mesmo ramo e me dava o nome de alguém, às vezes, coincidia de eu ter entrevistado aquela pessoa um dia antes ou ela estava agendada para o dia seguinte. Então o entrevistado se sentia ainda mais à vontade para falar das suas interações sociais, pois estas também envolviam aquele amigo. Comumente no final da entrevista vários feirantes se colocavam à disposição para me ajudar a fazer contato com outros colegas e assim começou a ficar bem mais fácil para eu me aproximar de outros feirantes, ao término do processo percebi a clara formação de pequenos coletivos que sociabilizaram de acordo com seus ramos de trabalho e proximidade das barracas dentro da Feira da Freguesia. Neste momento de pandemia as interações estavam se dando principalmente através dos subgrupos por meio do Whatsapp e do Instagram.

Desse modo, constatei que já era possível organizar as ideias e começar a escrever o trabalho, foi então que decidi demonstrar essa pesquisa em dois capítulos, dos quais farei a seguir um breve relato do que pretende-se abordar.

No Capítulo I apresentarei primeiramente a Feira da Freguesia, naquilo que ela se difere das outras feiras como um grande evento cultural realizado pela prefeitura do município no Centro Histórico para toda a comunidade. De acordo com boa parte dos feirantes, a feira é “uma grande festa”, um ambiente onde não apenas é realizada uma feira “comum” com barracas expostas, mas um evento com palco, apresentações culturais artísticas, músicas, danças, boi-de-mamão, etc. Tudo isso compõe um clima descontraído de alegria.

Dentro deste cenário situarei o coletivo de feirantes da Feira da Freguesia, o perfil dos feirantes, como se deu a formação do coletivo e as ramificações que caracterizam subgrupos dentro da feira. Utilizando como base teórica desde a compreensão clássica de comunidade de Tönnies (1989) e Weber (1973), que corroboram com uma perspectiva da oposição entre comunidade e sociedade, fundamentada em uma noção sociológica estabelecida no século XIX, inspirada por estudos sobre o rural e o urbano efetuados no decurso do século XX. Em que Tönnies (1973) sustenta que a existência de processos comunitários estaria ligada, em primeiro lugar, aos laços de sangue (como unidade de existência); em segundo lugar, à aproximação

espacial (fundamentada por meio do território e da sua habitação em comum) e em terceiro lugar, à aproximação espiritual (baseada em atividade em comum). A partir disto, demonstrarei a integração e interação do coletivo de feirantes da Feira da Freguesia, vinculados às noções de territorialidade, de presença física e de alianças pautadas nos ramos de atividades. Aqui o território além de demonstrar-se como o meio mais básico de obtenção dos recursos necessários para a sobrevivência dos seres humanos, ele se torna uma premissa para o convívio social (EDNEY, 1974).

Além das contribuições clássicas de comunidade também serão apresentadas contribuições mais recentes, como a de Paiva (2003) que observou um movimento de retorno das comunidades rurais, que têm sido revelado culturalmente na sociedade contemporânea como uma retomada do espírito comunitário resultante da complexificação social e reestruturação sócio-cultural, retrato do desenvolvimento da sociedade capitalista. Neste sentido, Maffesoli (2006) também sugere que vivemos um período pós-moderno, ocorrendo um hibridismo de estilos de vidas e que características anteriormente ofuscadas pela modernidade estão retornando, incluindo o tribalismo como forma de comunidade. Nesta visão, as novas tribos urbanas presentes nas grandes metrópoles tem rompido com o individualismo moderno e com a impessoalidade da vida urbana. No entanto, Magnani (1992) salienta que o termo “tribos urbanas” não deve ser concebido em seu termo original, dos estudos tradicionais da etnologia, por não se tratar de uma categoria, mas de uma metáfora que “não traz consigo a denotação e todas as conotações distintivas de seu uso inicial.” (MAGNANI, 1992, p.49). Pais (2004), então enfatiza o aspecto de sociabilidade envolvido na noção de tribos urbanas, caracterizando que “da mesma forma que as antigas tribos se identificavam com determinados ‘meios-ambientes’, também as novas tribos urbanas se identificam com asfalto, bairros, ruas, lugares de agrupamento de sociabilidades.” (PAIS, 2004, p.18). Para ele a metáfora da tribo propõe o surgimento de novas formações sociais, decorridas das suas diferenças, criando sociabilidades orientadas por normas autorreferenciais de natureza estética e ética, fundamentadas na produção de vínculos identitários. Tais particularidades têm estado presentes nos grupos sociais contemporâneos, como, por exemplo, o coletivo de feirantes da Feira da Freguesia que demonstra-se neste estudo.

Serão apresentadas também as interações do coletivo de feirantes entre si, bem como ações de reciprocidade, sob análise do conceito de sociabilidade de Simmel (1983) que a distingue como uma “forma pura” de ação recíproca no tocante à interferência mútua das ações de indivíduos em interação. Simmel considera que essas ações recíprocas acabam por acarretar em uma influência mútua de vida, de modo que ocorre dentro de certas formas acordadas e

assimiladas como sendo comuns a uma determinada composição de coletivo (SIMMEL, 2006b). Desse modo, buscarei compreender como os feirantes se integraram como coletivo, através de quais interesses se socializaram, seu sentimento de pertencimento como uma família e suas interações sociais a partir do contato face a face dentro do espaço da feira. A intenção principal é demonstrar o modo como o grupo se sociabiliza vinculado à noção de presença física na feira.

No Capítulo II apresentarei o coletivo da feira da Freguesia no ciberespaço como o modo de interação social utilizado neste período de pandemia. Aqui as relações através de redes sociais, pautadas em suportes tecnológicos, também acompanham os processos sociológicos em um movimento de cooperação e solidariedade dentro de um campo sócio-espacial. Palacios (1995) manifesta que alguns elementos que caracterizam uma comunidade contemporânea são: o sentimento de pertencimento, o sentimento de comunidade, a permanência em contraposição a efemeridade e a territorialidade, sendo que esta pode ser tanto real como simbólica. Em sua concepção o sentimento de pertencimento é o elemento fundamental para definir uma comunidade, desencaixando-se da localização, ou seja, é possível pertencer à distância, o que não implica na substituição das interações face à face, mas possibilita a coexistência de ambas as formas, conciliando o sentimento de pertencimento a ambas. Rheingold (1994) afirma que através do surgimento da Comunicação Mediada por Computador (CMC) e sua influência na sociedade e vida cotidiana, as pessoas têm procurado novos modos de conexão, constituindo relações e configurando comunidades. À vista disso, muitos autores preferiram definir as novas comunidades emergidas da CMC como “comunidades virtuais” (RHEINGOLD, 1994; WELLMAN E GULIA, 1999).

Pensar tudo isso ainda pode parecer algo novo, comparado à trajetória social humana em que as relações sociais foram marcadas pelo encontro face a face, mas analisar a singularidade deste novo espaço nos faz reavaliar como as suas características vem transformando ainda mais conceitos como de comunidade e de sociabilidade. Partindo da compreensão de ciberespaço que Bergmann apresenta “visto como uma dimensão da sociedade em rede, onde os fluxos definem novas formas de relações sociais.” (BERGMANN, 2006, p.23), trabalharei a noção de sociabilidade na esfera do ciberespaço, considerando esta como conjuntos de "agregados sociais que surgem da rede [internet], quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no espaço cibernético [ciberespaço]" (RHEINGOLD, 1994, p. 20). Claro que a sociabilidade fundamentada na territorialidade ainda coexistirá e permanecerá sendo importante, mas de acordo com Castells

(1999), as sociedades não evoluem seguindo um padrão regular de relações sociais. Ou seja, há um avanço rumo às relações livres da obrigatoriedade da presença física ou de espaços territoriais, construído não apenas nas relações familiares com a vizinhança, mas também através da escolha e de interesses específicos.

Com base nisso, buscarei demonstrar as interações dos feirantes neste período de pandemia, situando-me primeiramente na realidade destes como usuários de internet e de redes sociais. Em seguida, através de quais redes sociais e de que modo essas interações têm se dado, bem como averiguar quais são as dinâmicas por trás dessas relações. Pretendo tratar ainda dentro deste capítulo a necessidade de inclusão digital de feirantes que precisaram aprender a utilizar as redes sociais para seu sustento neste período, tal como a exclusão digital dos feirantes mais idosos que compartilharam que têm sentido dificuldade de acompanhar esse desenvolvimento e conexão com o grupo.

Por fim, em síntese saliento os tópicos apresentados acima: a feira, o coletivo de feirantes, as interações do grupo baseadas a partir da presença física e do espaço territorial; o ciberespaço, o coletivo de feirantes nas redes sociais, as suas interações nesse espaço simbólico, bem como os desafios para a manutenção da coesão do grupo neste novo espaço. Dentro de cada item apresentarei falas de entrevistados com análises teóricas que servirão de auxílio para compreensão de como se deram essas interações presenciais e virtuais, assim como seus mecanismos de desenvolvimento, organização e colaboração, visando entender através da experiência o processo de socialização do indivíduo em comunidade.

Convém salientar, que os representantes da Fundação Municipal de Cultura de São José, também foram convidados a participar de uma entrevista por meio de videochamada, mas não obtive sucesso. Acredito que não tenha sido possível, devido a época de campanha eleitoral. Cabe ainda ressaltar, que devido a multiplicidade e complexidade da “vida social ativa” (SCHUCH, 2009), manteremos o anonimato dos interlocutores da pesquisa. Os nomes utilizados serão nomes fictícios, até porque a análise está focada na particularidade e consideração das discussões das relações dos indivíduos como membros do grupo de Feirantes da Feira da Freguesia, portanto a compreensão das questões apresentadas envolve as mais diversas situações nas quais os feirantes têm interagido de modo coletivo.

capítulo I

## 2 CAPÍTULO I

## 2.1 A FEIRA DA FREGUESIA

A Feira da Freguesia é conhecida no município de São José como uma grande feira que abre portas para os feirantes de todo estado de Santa Catarina. Segundo matéria do *Correio de Santa Catarina* (2020), um dos principais objetivos para a sua criação foi resgatar o Centro Histórico como espaço de convívio para a comunidade, valorizando e dando visibilidade à cultura local. Entre seus atrativos estão gastronomia, artesanato, sebo, vestuário e antiguidades, além de música, dança, teatro, exposições e passeios guiados pelo Centro Histórico, casa da cultura e museu. Além de atrair e entreter visitantes e moradores, a feira se transformou numa tradição para a cidade, ao mesmo tempo que se estabeleceu como uma oportunidade para os produtores das regiões locais exporem seus produtos.

Sua primeira edição ocorreu em agosto de 2014 e desde então a feira vinha sucedendo todo o segundo domingo do mês, das 11h às 19h, com exceção da época de natal, que permanece por mais dias consecutivos, e o horário também se estende um pouco até mais tarde. Normalmente a cada domingo, cerca de duas mil pessoas visitam a Feira da Freguesia (CORREIO DE SANTA CATARINA, 2020) para assistir as atrações artísticas e culturais e perambular pelas barracas dos feirantes expositores na Praça Hercílio Luz, para conhecer a produção diversificada de artesanatos, de plantas ornamentais, de produtos naturais, de bolachas e doces artesanais, e uma variedade de comidas típicas à sua disposição.

**Figura 1** - Apresentação do boi-de-mamão no palco da Feira da Freguesia.



Fonte: Facebook, 2018.

**Figura 2** - Aula de zumba no palco da Feira da Freguesia.



Fonte: Facebook, 2017.

**Figura 3** - Programações da última edição da feira em março de 2020.

**São José 270 anos**

**FEIRA DA FREGUESIA**

**8 Março 2020**  
11h às 19h

Divirta-se todo segundo domingo do mês no Centro Histórico de São José

### PROGRAMAÇÃO

Atividades e Oficinas	Atrações artísticas
<p>11h às 19h: <b>Praça de Alimentação</b> Local: Praça Hercílio Luz</p>	<p>17h: <b>Visita Guiada no Museu Histórico</b> com Fernanda Bruggemann Local: Museu Histórico Municipal</p>
<p>11h às 18h: <b>AudioGuias</b> Experiências de Visitas para todos Local: Museu Histórico Municipal</p>	<p>11h: <b>Apresentação de canto</b> com Alunos de Jéssica Dausen Local: Palco</p>
<p>11h às 18h: <b>Taberna dos Heróis com Jogos de Tabuleiro</b> Local: Casa da Municipalidade (em cima do bar do Toninho)</p>	<p>12h30: <b>Babinha Show</b> Local: Coreto</p>
<p>11h às 18h: <b>Visitação na Igreja Matriz</b> Local: Igreja Matriz</p>	<p>14h: <b>Roda de Oleiro com a Escola Joaquim Antônio de Medeiros</b> Local: Palco</p>
<p>17h: <b>Momento Lamb Lamb com Josefina</b> Local: Praça Hercílio Luz</p>	<p>14h30h: <b>Apresentação Infantil: Cantando com Emílio</b> Local: Palco</p>
<p>19h: <b>Missa</b> Local: Igreja Matriz de São José</p>	<p>15h: <b>O Boi de Mamão Iluminado</b> <b>Oficina Teatro Adolpho Mello</b> Local: Palco</p>
<p>14h: <b>Oficina de Abayomi com Dona Regininha</b> Local: Biblioteca Municipal</p>	<p>16h: <b>Casa Z Cultura e Danças Ciganas</b> Local: Palco</p>
<p>14h às 18h: <b>Projeto Mãos de Luz Reiki e Massagem</b> Local: Beco da Carioca</p>	<p>17h: <b>Acústico Lotus</b> Local: Coreto</p>
<p>14h às 18h: <b>Projeto Mãos de Luz - Barras de Access</b> Local: Beco da Carioca</p>	<p>18h: <b>Banda Refinaria</b> Local: Coreto</p>

\*Programação sujeita a alteração.

Promoção: **CULTURA TURISMO** de SÃO JOSÉ **SÃO JOSÉ** PREFEITURA

Fonte: Facebook, 2020.

Durkheim (1968) foi o teórico pioneiro a observar a função recreativa das festas, de acordo com sua perspectiva, as principais características de uma festa são, primeiramente, a

superação das distâncias entre os indivíduos, em segundo lugar, a produção de um estado de "efervescência coletiva", e em terceiro, a transgressão das normas coletivas.

Seguindo esta concepção, ao analisar alguns diálogos de entrevistados pude verificar claramente este caráter festivo da feira:

F14: A Feira da Freguesia é a melhor feira aqui da nossa região, eu queria muito entrar, eu conhecia muita gente que fazia feira lá. (...) A gente vai lá para trabalhar, mas a gente também se diverte muito.

F21: Na verdade a Feira da Freguesia hoje em dia é a feira que todo mundo quer, pelo fato de ser uma feira familiar, que não é aquela feira que é chata, que fica o dia inteiro só esperando o público vir, tem várias apresentações culturais e isso chama o povo. Além de tudo passa a ser um dia bacana, um dia legal.

Aqui percebe-se claramente que a feira é um evento familiar o que faz com que o público visitante e os feirantes tenham interesse em participar, depois que ela quebra aquele padrão "comum" de feira, e por último que há um clima de festividade e celebração que faz com que aquele tempo não pareça um dia habitual de trabalho.

Essa quebra do padrão comum de feira e da vida cotidiana dos feirantes fica muito explícita na Feira da Freguesia, o que a caracteriza como uma festa, como uma experiência intensa e coletiva, algo que a difere das demais feiras da grande Florianópolis, que segundo os feirantes acaba tendo sempre a mesma formatação.

Aguirre (1988) apresenta a festa como um excesso contra a ordem, como uma circunstância que se opõe ao cosmo. Uma experiência coletiva que tem sua origem no sagrado, que ao se vivenciar ritualmente o caos, um tempo velho se destrói e um tempo novo começa a se vislumbrar, este novo tempo seria cheio de energia e força, um novo começo. Então nesta concepção, a festa coloca frente a frente, o espaço/tempo de forma lúdica ao espaço/tempo da rotina de trabalho, fazendo com que aqui os feirantes tenham esta sensação de energia, de estar experimentando algo diferente. Sobre esse entendimento observei as seguintes falas:

F16: Eu adoro a Feira da Freguesia, esse clima de feira somado a toda essa parte artística de apresentação é diferente. Quando a gente tá na feira do São José Feito à Mão, lá no Kobrasol é mais mecânico é mais certinho, já na Freguesia é mais divertido, tu não sente a hora passar. [...] É um pessoal diferente que vai para passear e contemplar teu produto, não é a mesma coisa [...] na feira do Kobrasol a pessoa gosta do teu produto, encomenda e depois vai lá buscar, é sempre o mesmo público. [...] Já na Freguesia não, aparece sempre gente nova. Para mim é um jeito de eu sair de casa e me divertir. [...] Eu não consigo ver isso na feira do Kobrasol, mas lá na Freguesia é um grupo de amigos que trabalham juntos, é muito divertido, é muito prazeroso, sempre é um evento, parece que tu vai para a festa todos os domingos.

A festa aqui comporta uma desorganização das normas estabelecidas, não do modo como Duvignaud (1983) configura a festa como uma força destruidora, como uma anomia marcada pela ausência de regras, já que Duvignaud considera impossível a associação da festa com a vida social normal. Contudo, na Feira da Freguesia não observei essa capacidade de destruição, muito pelo contrário através da etnografia, observei o resgate da cultura local, a visitação à um espaço que se encontrava esquecido, a mediação entre os interesses individuais e coletivos entre os feirantes e o público.

Sob este aspecto, Maffesoli (1985) do mesmo modo que Durkheim (1968) considera que a festa, ou *orgiasmo*, como meio que auxilia para a regeneração e estruturação da sociedade. Maffesoli (2005) ainda demonstra que há uma contínua efervescência dionisíaca, nos sujeitos aparentemente submetidos a ordem que possibilita a conservação da sociedade. Ou seja, ainda que os indivíduos saibam que são simples mortais, subjugados por coerções sociais, é como se existisse uma força que os impulsionasse a viver algo intimamente vinculado aos afetos, aos amores, ao êxtase, questões que estão relacionadas a dimensão humana, que ficaria difícil tentar reduzir a uma explicação racional ou mensurável. À partir deste entendimento e das declarações dos entrevistados, compreendi que ao mesmo tempo que a Feira da Freguesia se trata de uma festa que possibilita que os feirantes saiam da rotina diária de trabalho, no sentido de estarem lá para comercializar seus produtos, leva-os à um ambiente mais descontraído e prazeroso aprofundando ainda mais esses vínculos sociais e emocionais entre o coletivo, enquanto também auxilia para a reestruturação social, cultural e econômica da população no Centro Histórico.

## 2.2. O GRUPO DE FEIRANTES NA FEIRA DA FREGUESIA - COMUNIDADE, SOCIABILIDADE E TERRITORIALIDADE

No momento em que realizei a pesquisa haviam 120 expositores cadastrados na Feira da Freguesia, entretanto convém salientar que comumente este número sofre uma variação de acordo com a sazonalidade, já que tais flutuações são ocasionadas por causas externas como clima (estações do ano), eventos (como o carnaval) e datas comemorativas (como o Dia das Mães e o Natal). Então, de acordo com os relatos dos 30 entrevistados, conforme a época do ano esse grupo pode variar de 40 a 200 expositores, contudo há um grupo coeso que permanece consolidado durante todo o período. Os entrevistados foram selecionados através da observação oculta das interações sociais dentro do grupo de “Expositores da Feira da Freguesia” no Facebook e posteriormente convidados a participar da pesquisa.

Dos 30 entrevistados, 20 eram do sexo feminino e 10 do sexo masculino, contendo idade entre 31 à 71 anos, sendo que 11 possuíam idade entre 40 à 49 anos e outros 11 possuíam idade entre 50 à 59 anos, ou seja, a maioria apresentava uma faixa etária de meia idade; mas convém ainda salientar que 6 dos entrevistados, possuíam idade entre 60 à 71 anos, considerados dentro de uma faixa etária mais idosa e somente 2 apresentaram faixa etária um pouco mais jovem, 31 e 37 anos. Dentre todos pude apurar que 16 trabalhavam com o ramo de artesanato, tais como: bijuterias, chinelos, arte em madeira, em ferro, em MDF, em tecido, em crochê, em gesso, em cerâmica, em E.V.A. e em biscuit; 2 trabalhavam com o ramo de sachês, velas e aromatizante de ambiente; 1 com o ramo de plantas ornamentais; 1 com o ramo de produtos orgânicos; 3 trabalhavam com o ramo de alimentos artesanais, tais como bolachas, doces e bebidas caseiras; 5 com o ramo de alimentos de rua produzidos no espaço físico da feira; e 2 com o ramo de terapias holísticas e tarologia. Outro fator importante observado é que 15 entrevistados afirmaram depender financeiramente apenas da comercialização dos seus produtos em feiras, ou melhor, a metade não possui nenhuma outra fonte de renda; outros 8 dispunham de algum outro rendimento; e 7 declararam receber aposentadoria. Constatei ainda que, 12 informaram possuir formação nível superior, 1 declarou ter formação nível técnico, 14 declararam ter formação nível médio e apenas 3 informaram ter formação até o nível fundamental. Quanto à localidade onde residem, verifiquei ainda que, 15 residiam na cidade de São José, 8 em Florianópolis, 3 na Palhoça e 4 residiam em cidades com bairros mais rurais como Santo Amaro da Imperatriz e São Pedro de Alcântara. Também foi possível observar como se deu a maior parte da formação do grupo, ou seja, por meio do convite de outro colega feirante que já participava da Feira da Freguesia, demonstrando relacionamentos caracterizados por laços de amizade, conexões emocionais e certo grau de comprometimento moral e solidariedade, de maneira estável, entre os participantes. As relações sociais apresentadas se manifestaram como uma comunidade seguida no tempo, envolvendo tanto vínculos de proximidade emocional, estimulados por meio dos ramos de atividades, quanto de proximidade territorial, provocados por meio da ocupação e distância das barracas dentro do espaço físico da feira. Em geral, os entrevistados relataram que foram encorajados a participar da Feira da Freguesia mediante o convite de um colega feirante que já fazia parte do grupo e somente depois disso que buscaram os meios burocráticos para entrada junto à prefeitura.

F6: [...] eu tenho amigos e fui convidado[...] O Jorge do acarajé, participa de outros eventos que eu faço e ele me disse: “Márcio vai lá na Feira da Freguesia que teu crepe vai vender.” Aí eu fui lá e me inscrevi e fui atrás dele, assim eu entrei. Ele na verdade é um grande amigo meu [...] ele é um cara que sempre quando vem o dia da feira ele me liga antes.

F10: Eu comecei lá na feira porque um amigo meu disse: “Se inscreve na feira o teu produto não tem lá.” Daí eu me inscrevi e me chamaram para participar. Eu tenho amigos lá... O Carlos e a Rita, vendem pantufas.

Tönnies (1989), sociólogo alemão, em sua obra clássica “Comunidade e Sociedade” apresenta uma análise sobre o que ele denomina de “teoria das vontades”, fundamentada na relação entre ação e vontade humana. Em sua concepção a modernidade está vinculada ao impacto da Sociedade (Gesellschaft) sobre a Comunidade (Gemeinschaft), ou melhor, das relações societárias conectadas às relações comunitárias, entendendo a modernidade como algo que corrompe relações consideradas essenciais à natureza humana. Nesta visão, o estudo do “ser social” estaria ligado às vontades humanas. Então, Tönnies (1989) interpreta vontade como um processo de interações humanas naturais, norteadas por impulsos como por exemplo, reprodução e alimentação, dividindo-a em dois tipos: vontade natural (Wesenswille) e vontade arbitrária (Kürwille). Sendo que, vontade natural estaria relacionada pelas necessidades e convicções instintivas, pela expressão de sentimentos e pela emoção espontânea, fruto da vontade humana em sua condição mais natural. Ou seja, uma união constituída através da vontade natural é definida como comunidade. Ao passo que vontade arbitrária, refere-se a vontade humana que transcende o meio orgânico, orientada pela racionalidade instrumental na escolha dos meios para atingir os fins. Em outras palavras, quando a vontade natural toma forma de um caráter deliberativo, deixando de ser natural em si mesma, acaba por resultar na junção de indivíduos em sociedade.

A partir desta concepção de comunidade em Tönnies (1989), é possível compreender o coletivo de feirantes da Feira da Freguesia como um grupo social delineado espacialmente, que demonstra entre si um alto grau de integração afetiva juntamente com um elevado grau de coesão e solidariedade. Ademais, nas relações sociais entre os feirantes foi possível observar normas, costumes e sentimentos compartilhados, tais como: manter o espaço físico da feira limpo, fazendo varredura e retirada de lixos ao término; cuidar da barraca do colega quando este necessita ir ao banheiro; trocar dinheiro com o feirante vizinho para conseguir troco; empréstimo de sacolas entre si para embalagem de produtos vendidos; ajuda mútua na montagem das barracas; compra das mercadorias um do outro; indicação de clientes entre si para venda dos seus produtos; a satisfação em trabalharem juntos; sentimento de pertencimento a uma família e etc.

Weber (2005), em seu ponto de vista, correlaciona as relações entre os indivíduos, identificando quatro tipos de ação social: ação racional em relação a fins; ação racional em

relação a valores; ação estabelecida pela afetividade e ação estabelecida pela tradição (WEBER, 2005, p.41), sendo que o tipo mais usual encontrado nas relações sociais seria o primeiro. Uma vez que os dois primeiros tipos de ação estão mais associados à razão, ainda que o segundo tipo de ação tenha um caráter ambíguo, enquanto os dois últimos tipos de ação estão mais associados à emoção. À vista disso, quando as ações sociais dos primeiros tipos são predominantes num determinado agrupamento social, constitui-se inicialmente uma sociedade, à medida que os dois últimos tipos são mais identificados na comunidade. Desse modo Weber valida que a comunidade é o ambiente de afeto, das relações primárias, da tradição, da partilha de interesses e território em comum, enquanto que a sociedade, de modo inverso, é caracterizada pela racionalidade, pelas relações secundárias, pelo contato face a face reduzido, pela modernidade, pelos interesses pessoais com fins econômicos e pela desterritorialidade. Em síntese, neste sentido, foi possível identificar o coletivo da Feira da Freguesia como uma comunidade ainda mais tradicional, marcada pela busca da homogeneidade das relações e dos interesses do grupo, sendo possível identificar isso no relato deste feirante atuante no ramo de terapias holísticas:

F8: A feira ainda é muito conservadora, São José é uma cidade de classe média com poucos valores holísticos. (...) Pouca gente tem essa visão cósmica espiritual, ali as pessoas que trabalham com orgânicos, produtos medicinais são bem conservadoras, de São Pedro de Alcântara, mais fechadas para isso. [...] Mas a gente tem uma ligação muito bonita... É muito divertido, é muito família.

Na visão de Buber (2008) a comunidade contemporânea tem como propósito a própria comunidade. Na sua concepção, o conceito de comunidade pode ser entendido como uma “interação viva de homens íntegros e de boa têmpera na qual dar é tão abençoado como tomar, uma vez que ambos são um mesmo movimento” (BUBER, p.33). Isto é, indivíduos maduros e plenos, tomados de um sentimento de necessidade de crescer e viver de um modo diferente, compartilhariam do mesmo fluxo de doação e entrega criativa, por meio de um mesmo laço comum, em busca de uma liberdade maior. Neste entendimento, também foi possível verificar características de um sentimento de contentamento por parte dos feirantes da Feira da Freguesia em participarem do grupo, de ajudarem-se mutuamente, de vínculos estabelecidos para que todos possam crescer juntos e experimentarem um equilíbrio emocional e material.

F13: Não é só venda, é a amizade que a gente faz. [...] É uma confraternização, é uma família.

F17: Eu fiz amigos lá na feira, o Jorge do acarajé e o Márcio do crepe eu os conheci na feira, hoje somos amigos pra caramba. O Márcio até me ajudou a fazer o meu trailer. Mas tem o Roberto também, o venezuelano, fui eu que indiquei para ele a Feira da Freguesia.

F18: A gente indica produtos uns dos outros para outras pessoas, a gente também compra produtos uns dos outros. Acho bem importante esse apoio, né?

Raquel Paiva (2003), sugere que um dos propósitos básicos da comunidade é a comunidade como existência. Em sua visão, os indivíduos encontram-se ligados em relações, e que tal associação conduz a vida das pessoas com finalidade de aproximação. Deste modo, o indivíduo justificaria sua existência fundamentado na relação com os outros, uma vez que estes possuem interesses partilhados, o que incutiria num sentimento de que alguma coisa está sendo gerada, sendo assim, isso então não seria fixado pela natureza humana. Paiva (2003) também demonstra o significado de comunidade na vida dos indivíduos como um processo de relacionamento, de trocas e partilhas, apontando as bases cristãs de fraternidade e comunhão com o apoio para tal pensamento. De acordo sua visão, apesar das comunidades rurais terem sido estabelecidas conectadas a centros religiosos partilhados entre seus membros, a comunidade rural não teve suas bases na graça divina, mas manifestou-se como um meio de facilitar a vida dos seus membros, na dedicação mútua para vencer as adversidades do campo. Ou melhor, suas raízes estariam fundamentadas em tradições medievais das quais se manifestavam relações orgânicas, autossuficientes, nas quais os membros administravam entre si, os recursos limitados que eram extraídos no campo. Paiva (2003) ainda defende que estes padrões das comunidades rurais permanecem nas comunidades contemporâneas como um atrativo nos centros urbanos, ficando evidente as peculiaridades da comunidade rural em ambientes como shoppings, por exemplo, o que também abre espaço para se pensar nas relações da feira de modo autônomo e autossustentável.

O historiador Chris Carlsson (2014) em sua obra “Nowtopia: iniciativas que estão construindo o futuro hoje” relata a experiência de comunidades contemporâneas de horticultores que têm feito seu cultivo em espaços urbanos abandonados ou de indivíduos que têm buscado criar seu próprio biocombustível. Tais ações têm retratado um movimento cultural e político resultado de ações criativas de indivíduos envolvidos pela cultura do “faça você mesmo”, frente a estas ações de grupos locais e ou em redes globais tem sido possível ver o estabelecimento e reavivamento do sentido de comunidade. Neste sentido, Carlsson apresenta a socialização de pessoas a partir de atividades práticas de cooperação, de liberdade de escolha no seu modo de trabalho e ocupação do tempo e novas maneiras de relações sociais. Algumas destas iniciativas também vão ao encontro do modo como os feirantes da Feira da Freguesia têm se organizado dentro do espaço público, fazendo dele seu domínio, bem como uma busca pela liberdade do seu expediente de trabalho. É possível averiguar na seguinte fala:

F26: Para mim a feira é uma forma de eu conseguir trabalhar e mostrar meu trabalho. Vendendo ou não, pelo menos tu entrega teu cartão e faz divulgação. Porque trabalhar fora mesmo, cumprir horário eu não consigo, pois minha filha nasceu com um problema de saúde. [...] Mas com a feira eu consigo fazer meu horário, adaptar uma encomenda ou outra. [...] Eu tenho uma amiga maravilhosa lá na feira, a Sandra, que também precisa muito da feira neste sentido, pois seu marido teve um AVC e ela não pode trabalhar fora, cumprir horários.

Neste sentido, aqui é possível averiguar uma re-significação dos laços que os une, onde o viver em conjunto aparece como uma alternativa pautada no compartilhamento da autonomia e de uma mesma razão, partilhando um forte sentimento de comprometimento com a realização de um viver humano. Santos e Severiano (2011) compreende que tais relações não sucederam como uma opção ou intenção específica, o que retrata um contraste entre as comunidades mais primitivas da formação da comunidade contemporânea.

Simmel, (2006a) dentro da perspectiva clássica, argumenta que “os indivíduos estão ligados uns aos outros pela influência mútua que exercem entre si pela determinação recíproca que exercem uns sobre os outros” (SIMMEL, 2006a, p.17). Ou seja, haveria um fenômeno de sociação constituído a partir das motivações do indivíduo, impulsos e interesses, almejando a formação de uma sociedade. Em outros termos, não apenas impulsionado para a busca da interação com outros indivíduos, mas oportunizando a transformação de um aglomerado de pessoas isoladas através de vínculos, de modo que estes venham influenciar uns sobre os outros (SIMMEL, 1983). Então, a partir disso, é possível assimilar que o ponto chave dessas interações está para além da compreensão pelo modo como o grupo se formou, mas no interesse embutido da própria união social entre os feirantes e no sentimento de pertencimento ao grupo.

Dentro deste entendimento, também busquei observar os principais interesses em comum que unem o grupo, que fazem com que os indivíduos exerçam influência mútua e tenham um forte sentimento de pertencimento como família. Dentre os quais pude listar: a paixão pelo que produzem; o gosto de trabalhar com o público e desejo de conhecer pessoas novas; o fato da feira ser diferente das outras feiras (com atrativos culturais, pelo clima de festa); a necessidade de um espaço para divulgar e comercializar seus produtos; o fato deste ambiente ter um público familiar; a busca de alguns feirantes com depressão ou se recuperando de algum tipo de doença, como câncer, por exemplo, pela feira como uma distração e um ambiente de interações sociais; flexibilidade para aqueles que necessitam trabalhar ou complementar a renda sem comprometimento de horário; o acolhimento, a reciprocidade e as trocas mútuas trazem um sentimento de pertencimento à uma família. A seguir, é possível perceber tais inclinações nas falas de alguns entrevistados:

F12: A gente é uma família, cada um faz uma arte, tem pessoas com necessidades financeiras lá que vão buscar uma renda extra... Então minha intenção na verdade era de divulgar o meu produto [...] tinha muita gente que não conhecia meu produto e ia lá e degustava, então cresci muito ali na feira.

F2: O ambiente é bom, a gente trabalha, mas se diverte. A gente tem muita coisa em comum então sempre tem o que conversar, é muito bom estar ali. [...] O público que frequenta ali também é muito bom, o que para mim faz muita diferença porque me sinto mais segura...

F9: A minha primeira intenção foi financeira, a segunda foi a visibilidade... Mas eu vou te falar uma coisa que me fez continuar, eu tenho depressão. Conheço muita gente de lá que tem tendência a ter... Como eu trabalhava muito tempo sozinha, ficava muito solitária [...] Estar ali me tirava da depressão, eu ficava ansiosa para chegar aquela interação com os colegas e com os clientes.

Seguindo o entendimento de Simmel (1983) acerca da sociação, com o tempo essas formas de comportamento vão adquirindo autonomia e essa autonomia dá origem ao fenômeno da *sociabilidade*, onde ele a define como “um exercício livre de todos os conteúdos materiais” (SIMMEL, 2006a, p.64), uma interação que não sucede de interesses necessidades distintas, mas que acima de tudo mantém o sentimento de pertencimento, de estar socializado junto ao processo de interação. Então ao se desvencilhar desses interesses comuns, a sociabilidade passa a apresentar como uma “forma pura” de ação recíproca no tocante à interferência mútua das ações de indivíduos em interação (SIMMEL, 1983). Tais ações recíprocas acarretam em uma influência mútua de vida, de modo que ocorre dentro de certas formas acordadas e assimiladas como sendo comuns a uma determinada composição de coletivo (SIMMEL, 2006b). Deste modo, pode observar junto ao campo, ações de ajuda mútua entre os feirantes fomentadas pela convivência, manifestadas como dinâmicas habituais do grupo.

F19: As pessoas são muito carismáticas, muito queridas, a gente se ajuda, sabe? Por exemplo, quando eu ia montar minha barraca já vinha um me ajudar a esticar o fio, então a participação deles é muito boa, eu vejo muita união ali.

F1: Eu diria que nossa convivência é uma coisa muito interativa, é muito normal e amigável, existe uma palavrinha da moda, empatia, todo mundo se conhece, todo mundo se beija, compra as coisas uns dos outros, eu acho que é um relacionamento bem sadio e bem interessante para todos.

Simmel (2006b) argumenta que a estrutura democrática da sociabilidade traz como resultado um jogo de cena, em que os indivíduos teatralizam as diferenças o que traz uma aparente equidade ao grupo, condição necessária para a permanência de sociabilidade. A representação deste jogo refere-se apenas na tendência de minimizar diferenças no processo de interação, o que minimiza atritos oriundos dessas dissemelhanças.

Certamente é da essência da sociabilidade eliminar a realidade das interações concretas entre seres humanos e erigir um reino no ar de acordo com as leis formais dessas relações que se movimentam em si mesmas, sem reconhecer nenhuma finalidade que esteja fora delas. No entanto, a fonte subterrânea na qual esse reino se alimenta não deve ser procurada naquelas formas que determinam a si mesmas, mas na vivacidade dos indivíduos reais, em seus sentimentos e atrações, na plenitude de seus impulsos e convicções. (SIMMEL, 2006b, p.80)

Koury (2009) propõe uma revisão do ponto de vista simmeliano, visto que segundo ele as experiências emocionais singulares, sentidas e vividas por um ator social em particular, seriam resultado das relações entre os indivíduos, da sua cultura e da sociedade. Neste caso, a emoção pode ser definida, como uma teia de sentimentos orientados diretamente a outros, ocasionado pela interação mútua em uma determinada conjuntura e situação social e cultural. (KOURY, 2009). Diante disso, sua visão inclui buscar compreender a definição da situação dos atores sociais imersos em uma sociabilidade e na cultura emocional particular.

Por este ângulo, enfatizei analisar os rearranjos de conexões pautadas nos sentimentos de associação familiar e de amizade, para a lógica individualista dos projetos de vida de cada feirante em contraponto com os interesses do grupo, fundamentada na perspectiva teórica de Gilberto Velho (1981). Velho compreende que as sociedades complexas contemporâneas têm origem à partir da influência simmeliana, mas tem uma interferência interacionista da escola de Chicago, assimilando uma concepção existente de questões ligadas entre subjetividade e objetividade na análise social, tal como das emoções e da cultura emocional urbana na contemporaneidade brasileira.

Fundamentado na fenomenologia de Schutz (1979), Velho (2003) apresenta o conceito de projeto como “a conduta organizada para atingir finalidades específicas” (VELHO, p. 101), como uma ação que antecipa o trajeto e a biografia do indivíduo. Ou seja, para esboçar seu projeto, o indivíduo o faria a partir do uso da dimensão da memória, considerando não somente a ação do presente, mas as significações impressas nos acontecimentos passados. Então, o sentido que o indivíduo daria a si mesmo dependeria da organização de sua memória, dos fragmentos ao longo de sua trajetória, então o passado seria algo descontínuo e a memória construída a partir do significado que o sujeito concederia aos acontecimentos. Esse processo não pode ser apresentado de modo linear, contínuo ou homogêneo, deve ser compreendido em suas multiplicidades, no qual o indivíduo deverá buscar traçar seu projeto influenciado pelo campo de possibilidades em que estará inserido (VELHO, 2006).

Neste sentido, então me atentei às relações entre alguns feirantes imigrantes do ramo da gastronomia, que trabalham na feira com alimentos de rua, e que compartilharam suas

histórias pessoais de vida, bem como suas dificuldades para se estabelecerem quando chegaram ao Brasil. A maioria relatou como obstáculo a língua para conseguir um emprego fixo; outros mencionaram o contratempo de não se ter um fiador para alugar uma sala comercial e abrir seu próprio negócio, e quando conseguiram alguém, o sufoco, que era manter a estrutura do pequeno negócio, por causa dos altos cultos; salientando a história de vida e o passado pessoal que os fez saírem de suas pátrias e sociabilizar na feira por meio das variadas culturas gastronômicas e através de uma teia de sentimentos de ajuda recíproca ocasionada pelos contextos sociais e culturais semelhantes. Falas que podem ser verificadas nos seguintes trechos selecionados:

F17: Eu estou no Brasil desde 2014, inicialmente escolhi trabalhar com feira e eventos por falta de recursos, por eu ser um imigrante. [...] eu já indiquei muita gente que veio de fora que estava na mesma situação que eu, muita gente que não tinha emprego, que entrou na feira porque estava numa fase ruim na vida e depois conseguiu um emprego fixo. Tinha uma colega minha que começou a fazer pastel e agora está no Canadá. Em três anos de feiras tiveram muitas histórias, muita gente veio e foi embora...”

F28: Sempre me perguntavam porque o senhor, formado em administração, está vendendo comida? Nesta época eu não falava bem português e ainda nem escrevo muito bem. [...] Até agora tem sido um prazer trabalhar para ajudar outros imigrantes venezuelanos, hoje algumas meninas trabalham comigo aqui no Brasil como assistentes. Elas têm dificuldades em conseguir um trabalho fixo, então agora eu as adotei como filhas e fico muito contente em poder ajudá-las.

Aqui as relações entre indivíduo, suas histórias e cultura marcam uma dualidade que parece se manifestar através dessas interações, entre os projetos individuais e a feira como um campo de possibilidade para sua realização, entre a questão da unidade e a necessidade individual e social dos indivíduos. Sendo possível identificar essa diversidade cultural e social no grupo, ou seja, por trás daquela aparente homogeneidade coletiva existem diferentes projetos individuais que inclusive podem se interpenetrar.

Apesar de tudo o que foi relatado até aqui, pode-se afirmar seguramente que o caráter que mais configura o coletivo de feirantes da Feira da Freguesia é a concentração de subgrupos definidos de maneira muito distinta dentro da feira. Durante as entrevistas consegui verificar redes de relações destes subgrupos, são pequenos coletivos, provindos de outras feiras menores e ou através de vínculos que foram sendo estabelecidos por meio de laços presenciais ocasionados mediante aproximação territorial, como a disposição das barracas no espaço físico da feira. Também observei que estes laços foram mediados por ramos de atividades em comum, e que como o layout da feira é disposto por ramos de produtos, isso foi fortalecendo e adicionando ainda mais membros para os subgrupos, isto é, os novos feirantes que vão

chegando. No total identifiquei três pequenos grupos: a) o subgrupo de artesãs formado através da feira “São José Feito à Mão”, no Kobrasol, composto em sua maior parte por mulheres, feirantes que tiveram passe livre da feira do calçadão do Kobrasol para a entrada na Feira da Freguesia, quando esta teve seu início; b) o subgrupo do “pessoal da gastronomia” (esse é o modo como os feirantes de modo geral os chamam), é um grupo coeso, constituído em sua maioria por homens atuantes no ramo da alimentação que participam de diversas feiras na grande Florianópolis e possuem relações emocionais com um sentimento muito forte de família entre si; c) o subgrupo de feirantes que produz artesanato e outros produtos similares que se sociaram propriamente por meio da territorialidade dentro da Feira da Freguesia. Neste grupo identifiquei que há um acordo entre seus membros a partir do tipo de matéria prima utilizada para a fabricação do seu produto. A associação se dá a partir do que cada feirante produz, desde que cada um trabalhe com uma matéria prima diferente do outro, isto é, se alguém dentro do grupo produz arte em tecido, não haverá outro membro no grupo que produza arte em tecido. Deste modo, um membro pode indicar o trabalho do outro para seus clientes, não havendo competições entre si.

Existe uma aliança social entre esses subgrupos e normalmente quando um feirante começa a fazer outra feira que tenha um bom ambiente para trabalhar e que seja lucrativo, um colega do subgrupo automaticamente o convida a participar, e assim o mesmo grupo participa de todas as feiras que consideram “boas” para seus interesses. Deste modo eles sempre trabalham juntos e vão aprofundando cada vez mais seus laços sociais e emocionais. Por estarem mais próximos, em termos de proximidade física, de suas experiências de trabalho e até mesmo dentro desta visão de “família”, esses coletivos tendem a repassar uma ideia de segurança e proteção mais privada dentro de um cenário mais amplo, da vida pública aparentemente mais insegura. Essas estruturas comunitárias fundamentadas em solidariedade, convertem-se em abrigos e apoio frente à intempéries, como por exemplo, a pandemia do coronavírus.

**Figura 4** - Disposição das barracas no espaço físico da Feira da Freguesia.



Fonte: Facebook, 2019.

Retornando à concepção clássica de Tönnies (1989), a comunidade parece ele se fundamentaria a partir da peculiaridade das suas relações, caracterizando três tipos de gêneros: comunidades de parentesco, comunidades de vizinhança e comunidades de amizade. Segundo o seu entendimento, o parentesco está conectado aos laços de sangue e à vida comum em uma mesma casa, mas não se limita à proximidade física. Ou seja, esse sentimento pode permanecer mesmo que haja afastamento físico, pois as pessoas sempre estarão buscando um meio de retomar a presença física. A vizinhança é identificada pela vida em comum entre pessoas próximas especialmente onde se manifesta um sentimento recíproco de confiança, de benefícios, etc, que se mantêm através da aproximação física. Os laços de amizade estariam relacionados pelos vínculos de trabalho ou formas de pensar, manifestando-se pela escolha profissional de um mesmo ramo de trabalho ou partilha de uma mesma fé, pessoas que trabalham pela mesma causa e identificam-se entre si. A partir disso, Tönnies registrou a existência de três padrões de sociabilidade comunitária: os laços de consangüinidade, de coabitação territorial e de afinidade espiritual, em que cada qual dirige-se para uma ordem respectiva mútua, como comunidade de sangue/parentesco, lugar/vizinhança e espírito/amizade. Tönnies (1989) ainda argumenta que tais dimensões em sua maioria estão interconectadas, se referindo a estas como elementos de um mesmo plano de desenvolvimento harmonioso, ou seja, um surge como consequência e desdobramento do outro. Levando em conta este entendimento, observei falas durante as entrevistas, de feirantes membros de cada um dos subgrupos, todas demonstram essas peculiaridades entre seus membros:

F23: Quando eu chego na praça lá embaixo, fico olhando para a igreja, a gente fica do lado esquerdo até a metade, bem na frente do palco, então aquela parte toda ali é do pessoal do Kobrasol (da Feira São José feito à mão). Então, ali é a nossa turma, então dali para cima, para o lado esquerdo eu ando por tudo eu converso com todo mundo, tenho amizade com todo mundo. (...) a gente se ajuda em relação a troco, se não tem, um empresta para o outro, quando um amigo está com pouca sacola já empresta para a outro. Eu acho uma integração muito boa, tem muita união.

F6: Eu tenho muita amizade ali dentro... [...] A gente não vê a hora de chegar esse momento para a gente se encontrar. [...] então de vez em quando eles me ligam: Óh vai ter reunião, eu largo tudo para ir na reunião. Eles também me chamam para ir na casa deles. [...] O pessoal da gastronomia é o pessoal da gastronomia, e o pessoal do artesanato é o pessoal do artesanato [...] Eu não tenho nada a falar mal deles, mas é para haver um equilíbrio, sabe? [...] A parte da gastronomia está sempre unida na gastronomia e a parte dos artesãos a gente só observa.

F2: Quando eu fui trabalhar lá pela primeira vez, fui colocada ao lado de uma moça que trabalhava com MDF. Muito simpática, fui muito bem recebida. E passando um ano aí apareceu uma outra pessoa que ficou ao meu lado e aí eu fiz a mesma coisa. Somos de ramos de artesanato diferentes, porque eles não colocam lado a lado feirantes que trabalham com produtos similares, então a gente acaba fazendo um círculo de amizade com as pessoas do local, fazendo amizade com pessoas de produtos diferentes, artesanatos de materiais diferentes do seu, é separado por linha madeira, tecido, vidro, bambu, então é todo tipo de artesanato. A gente leva fritadeira elétrica, batata, coxinha e ali mesmo a gente frita e come comida uma da outra. Se uma vai ao banheiro a outra já sabe os preços e por aí vai aparecendo as parcerias boas, ao cabo dos anos começa uma amizade. (...) Lógico que em tudo a gente tem que peneirar, por isso tenho muitas amizades particulares, pessoas especiais com quem convivo no trabalho. Já nos reunimos aqui em casa em umas dez pessoas, são relacionamentos que vão além do profissional.

A primeira fala acima é de uma artesã integrante do subgrupo formado a partir da feira "São José feito à mão". A segunda fala é de um feirante que produz comida de rua, parte do subgrupo do "pessoal da gastronomia". E a terceira fala é de uma artesã componente do subgrupo que se formou a partir da Feira da Freguesia pela proximidade das barracas e combinação de produtos diversificados. Em todos os três subgrupos foi possível identificar esse sentimento de família, de reciprocidade, de ajuda mútua, de vínculos sociais e emocionais estabelecidos por meio do layout da feira e pela combinação dos membros por meio dos ramos de atividades.

Algo que fica evidente na fala do entrevistado "F6" é quando ele comenta que seu subgrupo se reúne eventualmente e que inclusive é chamado para ir na casa dos seus colegas para reuniões, contudo a Feira da Freguesia é administrada pela prefeitura e não possui associação própria. Relaciono a seguinte fala a esse respeito:

F1: A gente tem medo que se tornando uma associação, passássemos a ser uma entidade jurídica, aí começaria a ter que pagar pelos custos, então acho que esse receio é fundamental, por isso que não aconteceu.

Durante as entrevistas questioneei a todos os entrevistados acerca de algum tipo de associação organizacional ou representatividade política que os representasse como grupo dentro da feira e em unanimidade fui informada da não existência, inclusive o grupo sequer possui um local como sede para reuniões, então aqui é possível observar que esse tipo de interação tem ocorrido nas suas casas, a nível de identificação e interesse dentro dos subgrupos. Neste sentido é possível constatar as interações destes pequenos grupos organizadas e voltadas para os interesses dos seus membros.

Tönnies (1989) afirma que padrões de relações comunitárias acontecem territorialmente por meio de três eixos espaciais: a casa, a vila e a cidade; pressupondo os três padrões interligados em cada uma de suas dimensões espaciais, concebendo a cidade como o locus mais evoluído desse delineamento, em que esta compartilharia elementos das formações socioespaciais antecedentes, num momento mais inicial, em uma estrutura mais primária. Dentro desta perspectiva de Tönnies é possível delimitar os subgrupos dentro da feira na sua representação de vida urbana através da comunidade de vizinhança. O autor pressupõe a tendência da comunidade se integrar em grupos coesos e unidos por interesses em comum, como é o caso destes pequenos coletivos, então, assim como o camponês da época, o feirante tem buscando voltar seu olhar para dentro, para o interior da sua comunidade, como classe de comerciantes, por sua vez se fechando no seu coletivo, com intuito de conduzir sua atenção para fora, para dominar não somente o território da feira, mas o mercado de feiras em que eles atuam. (TÖNNIES, 1989).

Algo que também foi muito mencionado pelos feirantes da Feira da Freguesia é a participação destes subgrupos que a compõem, em outras feiras da grande Florianópolis, ou seja, a passagem destes subgrupos para outros coletivos. Maffesoli (2006) discorda da visão clássica de comunidade no qual a modernidade tenha danificado os principais modos de comunidade, direcionando a personalidade comunitária à impessoalidade societária. Segundo ele, é necessário questionar em que medida isso se deu realmente com um processo tão totalizante, já que este ainda continua se desenrolando. Em sua concepção, a sociedade estaria vivendo um período pós-moderno, sucedendo um hibridismo de formas de vida, no qual vários atributos que estavam encobertos pela modernidade estão ressurgindo. Aqui o tribalismo reaparece como modo de viver comunitário, a partir da reintegração social.

Para Maffesoli (2006) as novas tribos urbanas são semelhantes às comunidades emocionais de Weber, identificadas nas religiões, porém sem levar em conta seu nível de racionalização e institucionalização. Ou seja, estariam caracterizadas pela sua instantaneidade,

por sua variável organização, pela vinculação espacial, pela inexistência de normas explícitas e pela sua estrutura cotidiana. Aqui haveria uma substituição de uma visão política ou progressista para uma atmosfera estética, por meio de uma espécie de desindividualização, o que possibilita a compreensão deste novo modo de sociabilidade, que na verdade não é tão novo assim, mas que faz justo do uso do termo tribalização, por referir-se a tribos, à *Gemeinschaft*.

Essas novas tribos apresentam-se em grande número e de modo diversificado, com suas próprias normas éticas e morais. Cada tribo concede uma lógica de maneira diferente às suas ações e restabelece seus mitos e ritos. A identidade dos seus membros também é orientada por meio da associação a elas, já que um membro se associa a uma tribo com uma identidade compartilhada, deixando-se tratar somente de uma identidade individual, mas de uma identidade comum a tribo a qual está vinculado. No entanto, mesmo que um membro compartilhe de uma identidade de uma tribo, ele não compartilha apenas aquela identidade, isto é, ele não é membro apenas daquela única tribo. Ou seja, o neotribalismo, diferentemente do antigo, consente com a integração em inúmeras tribos e com o hibridismo de múltiplas identidades de grupo, que em conjunto formam uma identidade individual. Em outras palavras, é possível participar de inúmeras tribos, as quais dispostas umas em relação às outras, cada indivíduo pode viver sua pluralidade de modo particular, neste ponto as distintas “máscaras” se organizam de modo mais ou menos hostis, adequando-se com as outras “máscaras” que as rodeiam (MAFFESOLI, 2006, p. 238). Dessa maneira, as pessoas transitam pelos grupos, e os grupos entrelaçam-se a todo momento. Um centro urbano defronta-se com uma heterogeneidade que permite uma conversação entre indivíduos que integram diversos grupos ao mesmo tempo, apesar de ainda conseguir manter o isolamento de cada grupo em seus próprios valores e estilos de vida. Neste sentido, foi possível notar que boa parte dos membros da Feira da Freguesia estão conectados ao mesmo tempo a outros coletivos de outras feiras da grande Florianópolis:

F12: Eu fiz uma feira dentro do Giassi, daí uma amiga me convidou para participar da Feira da Freguesia. Olha uns três ou quatro colegas já tinham me falado da Freguesia e eu nunca tinha dado bola, daí essa amiga lá da feira dentro do Giassi me disse: “Porque que tu não vai lá?” Ela que me arrumou o contato de tudo para mim e eu só entrei. Na verdade, muita gente que participa da feira eu já conhecia de outras feiras, eu tenho amizades profundas com muitas pessoas por causa disso.

F22: Alguns expositores que estão na Feira da Freguesia a gente encontra em outras feiras também né, então eu vejo essa vontade de estar em outros locais e grupos e não só ali. É uma coisa que une a gente, é uma coisa em comum entre todos nós, a gente não quer estar só ali, a gente quer estar em diversos lugares. A gente quer levar a nossa arte para vários lugares, entende?

Aqui aparece a integração dos membros junto a outros ambientes de feiras, sendo que cada coletivo dentro de cada feira é conduzido pelas suas próprias normas, ao mesmo tempo que estão separados pelo tempo e pelo espaço, o que permite aos feirantes da Feira da Freguesia a criação de uma identidade múltipla, fruto da composição de várias tribos, a partir desta ligação outras com outras feiras e eventos. Contudo, foi possível identificar que isso ocorre mais a nível dos subgrupos dentro da Feira da Freguesia, já que os pequenos coletivos são coesos, buscando estar sempre juntos, mesmo quando acessam os coletivos de outras feiras.

Conforme já foi mencionado anteriormente, um dos fatores que mais facilitou a formação destes subgrupos dentro da Feira da Freguesia, foi a demarcação de espaços e delimitação de fronteiras físicas a partir dos ramos de atividades dentro do território. Sack (1986) compreende o território como formas construídas socialmente, para ele tanto as relações quanto os efeitos espaciais dependem dos propósitos daqueles que estão controlando o espaço físico. Segundo sua perspectiva, a “territorialidade aponta para o fato de que as relações humanas no espaço não são neutras” (SACK, 1986, p. 26). Neste caso a territorialidade seria mais do que uma simples manifestação instintiva, se referindo a “tentativa de um indivíduo ou grupo de afetar, influenciar, ou controlar pessoas, fenômenos, e relações, delimitando e afirmando o controle sobre uma área geográfica” (SACK, 1986, p. 19).

Gifford (1997) sugere que a demarcação de território público é ocasionada para prevenir intrusões, ao contrário de sugerir auxílio na interação ou manifestação de identidade. Ao passo que Altman (1975) defende que a ocupação do espaço público está aberta para qualquer pessoa, sendo que normalmente se estabelece com base naquele que primeiro o encontra e se serve do espaço.

Com base nessas concepções, é possível identificar algumas ações dos subgrupos dentro do território da feira. Segundo já foi informado no início deste capítulo, existe um grupo consolidado na feira que permanece ativo durante todo ano, observei que este grupo é formado a partir dos subgrupos, sendo na maioria compostos por feirantes que iniciaram sua participação na feira a convite de outro colega ou por proximidade de barracas. Na Feira da Freguesia, uma das regras da prefeitura para os expositores manterem sua participação, é que não pode haver três faltas consecutivas sem justificativa, neste caso o expositor perde seu direito e automaticamente outra pessoa é chamada para assumir a vaga. Deste modo, os feirantes pertencentes a esses subgrupos estabilizados, têm seus locais fixos já convencionados para instalação das suas barracas, o que fortalece cada vez mais os seus laços. E os novos feirantes que vão chegando vão automaticamente se integrando aos subgrupos de acordo com a divisão

territorial da feira pelos ramos de atividades. Sobre essa questão, foi possível observar a seguinte fala:

F25: Ali quando você chega ainda não tem um lugar marcado, então tem que aguardar, só quem é mais antigo que já tem o seu lugar. [...] no meu primeiro dia... [...] chegou uma outra senhora e disse: Fica aí nesse lugar mesmo, que a fulana que fica aí nesse momento não está vindo participar, então pode ficar.

Aqui constatei que há certas limitações para o feirante novo que chega para se estabelecer na Feira da Freguesia, frente às fronteiras estabelecidas de territorialidade. Edney (1974) acredita que para alguns grupos e indivíduos o propósito do território está relacionado à sobrevivência, servindo como um organizador primário, frente às possíveis variáveis, viabilizando a ordem e o equilíbrio da vivência diária. Com base neste entendimento é possível compreender essas apropriações do espaço da Feira da Freguesia, apesar do próprio Edney também defender que a territorialidade representa uma maneira de se exercer domínio sobre o ambiente social (EDNEY 1974). Sob esse ponto de vista, é possível pensar que a “violação” dos novos feirantes destes territórios já apropriados podem gerar conflitos dentro da feira, mesmo que ocorra sem uma finalidade direta, objetivando o controle do espaço físico. Edney (1974) argumenta que a resposta agressiva vai depender de acordo com a forma de invasão do território. Altman (1975) menciona que as respostas frente à invasão territorial terão variações face aos significados da invasão e dos tipos de resposta de ajuste à situação. Dentro desta concepção de violação, identificamos o seguinte diálogo:

F24: Tem gente que passa o ano inteiro desaparecida... porque janeiro e fevereiro é horrível, é muita trovoada ...[...] tu pode imaginar como é? Aí ninguém quer participar, eram poucos que participavam. Mas quando chega novembro em diante, tem gente que aparece: “Aqui é o meu lugar!” Teu lugar? Passa o ano todo fora e agora vem dizer “aqui é meu lugar”. Aí dá briga mesmo né? Já teve briga feia, sabe? Porque teve expositor novo que fez a feira durante o ano todo e de repente chegou outra pessoa dizendo: “Esse é o meu lugar.”

A questão demonstrada é um contexto de conflito dentro da feira, aquilo que Simmel (1983) apresenta como importante no sentido de antagonismo, apontando sua importância como uma forma de sociabilidade e estabilidade dentro do grupo, como algo necessário à sobrevivência de uma sociedade. Neste sentido Simmel menciona que “o conflito está (...) destinado a resolver dualismos divergentes” a ser “um modo de conseguir algum tipo de unidade...” (SIMMEL, 1983, p. 122), portanto, seguindo este entendimento, é possível compreender que o conflito tem direcionado os novos feirantes para a integração e crescimento dos subgrupos existentes. Deste modo, o conflito acaba por favorecer a coesão social,

permitindo a continuidade dos subgrupos e eliminação da formação de outro através do conflito (Simmel, 1983), facilitando a convivência entre os feirantes e a manutenção dos subgrupos. Nesse sentido, o conflito manifesta-se como um modo de mediação, uma função das relações entre os feirantes dentro da Feira da Freguesia.

A Feira da Freguesia permanece com suas atividades interrompidas há 1 ano e 2 meses, sem previsão para retorno, devido ao fato desta se caracterizar como um evento em virtude das apresentações artísticas. Durante esse decurso os feirantes têm buscado manter seus laços e conexões sociais por meio das redes sociais, o que tem caracterizado novos modos de interação e o advento de alguns desafios para a manutenção da coesão do coletivo.

### **3. CAPÍTULO II**

#### **3.1. O GRUPO DE FEIRANTES NAS REDES SOCIAIS - CIBERESPAÇO, COMUNIDADE E SOCIABILIDADE**

Neste segundo capítulo da pesquisa, estarei situando o coletivo de feirantes da Feira da Freguesia a partir do universo do ciberespaço, delineando como cheguei até eles, por meio do método investigativo, bem como fui descortinando as dinâmicas sociais estabelecidas por meio da comunicação firmada através das principais plataformas virtuais utilizadas pelos

feirantes, que são: o Facebook, o Instagram e sobretudo o Whatsapp.

Contudo, antes de demonstrar os resultados da pesquisa, primeiramente será necessário identificar o ciberespaço, este novo lugar de encontros, usado como o principal meio para a socialização entre os feirantes durante o período de pandemia, fomentado por conta do distanciamento face a face. Um espaço agora não mais marcado pelo tempo e pelo território da feira, mas ainda fortemente assinalado pela presença emocional e pela reciprocidade das interações de trocas e interesses mútuos manifestados por meio dos contatos virtuais.

Bergmann (2006) afirma que “o ciberespaço agrega o espaço socialmente produzido, sendo este uma estrutura criada pela evolução dos recursos tecnológicos e pelas construções sociais resultantes das apropriações feitas pelos indivíduos.” (BERGMANN, 2006, p. 23). A autora concorda com Silva (2000) que argumenta ser possível construir relações de identidades em rede, por meio de comunidades virtuais, criando novas formas de convívio entre as pessoas, o que inclusive, possibilita a formação de novas culturas de acordo com os objetivos e conjuntura ideológica em que estas são estabelecidas. Em outras palavras, o ciberespaço poderia ser entendido como uma extensão da sociedade em rede, em que os fluxos demarcam novas formas de relações sociais. Silva (2000) expõe o ciberespaço como um não-lugar que representa uma passagem e um momento de definição de uma consciência individual e solitária fundamentada em relações identitárias desenvolvidas pelo próprio usuário da rede, a partir da sua memória frente ao computador e pelos movimentos de imagem ali capturados.

Lèvy (1998a) também apresenta o ciberespaço como “um espaço não físico ou territorial, composto de um conjunto de redes de computadores através das quais todas as informações circulam” (LÈVY, 1998a, p. 87). O sociólogo considera este novo espaço virtual como o local onde se estabelece uma rede tecnológica no qual todas as informações são informatizadas. Contudo, para ele o ciberespaço também diz respeito ao “universo das redes digitais como lugar de encontros e de aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural” (LÈVY, 1998b, p. 104). Ou seja, para Lèvy o ciberespaço se une a inúmeras formas de tecnologias, apresentando-se como um universo hábil para criação, comunicação e simulação, o que o caracteriza como o espaço do conhecimento, como um ambiente de signos, como um meio de propagação, comunicação e opinião dos coletivos humanos.

Wertheim (1999) demonstra o ciberespaço como um lugar real, embora destituído de fisicalidade, no qual ele afirma “estar lá”. Honorato (2006) também salienta que, “até pouco tempo, as relações sociais se restringiam ao campo ‘corpo presente’, e hoje esse corpo se desloca, transcende a corporeidade para fundar um plano virtual de encontros” (HONORATO, 2006, p. 32). Desse modo, é possível compreender que a relação de contato baseada no espaço

físico da feira, deixou de ser o meio principal para a socialização dos feirantes, e que estes têm buscado converter suas relações para o ciberespaço, o que demanda ser levado em conta a análise dos aspectos sociais, culturais emocionais e de interesses comuns das interações do coletivo da Feira da Freguesia através das plataformas das redes sociais.

Recuero (2006) aponta que “o início da aldeia global é também o início da desterritorialização dos laços sociais” (RECUERO, 2006, p. 135), manifestando a comunidade virtual como a determinação para agrupamentos humanos que se originam no ciberespaço, através da Comunicação Mediada por Computador (CMC) (RECUERO, 2001). Ou seja, aqui o elemento geográfico é suavizado e a construção social compartilhada passa a ser uma peça em evidência.

Recuero (2006) também distingue comunidade e rede social considerando que as comunidades virtuais são primeiramente tipos de redes sociais. Pois, segundo sua concepção, a noção de comunidade se mantém a partir de laços fortes de interações sociais, identificação e interesse comum, enquanto a noção de rede social se refere a definição de grupos com laços menos fortes, sem localização geográfica, o que permite a associação de indivíduos afastados no espaço. Recuero também delimita “a noção de comunidade ao núcleo da maioria dos grupos sociais” (RECUERO, 2009, p.146), ou seja, segundo sua visão a cooperação seria a matriz geradora das estruturas sociais. Tal entendimento, então, permite a compreensão de redes sociais como redes de comunicação que ligam indivíduos com laços comuns, desenvolvendo uma estrutura movimentada por relações interpessoais, conectando esses indivíduos em rede, sem que necessariamente estejam ligados diretamente. Nesse sentido, para Recuero (2006) a organização de uma rede social então englobaria o conjunto de relações de certo grupo, ou melhor, as redes sociais seriam originadas a partir de interações sociais entre membros do mesmo grupo ou de grupos diferentes. Frente a essa distinção entre comunidade e rede social, será analisada a intensidade dos laços sociais, a identificação e o interesse comum entre os feirantes da Feira da Freguesia por meio de cada uma das plataformas digitais: o Facebook, o Whatsapp e o Instagram.

Rheingold (1994) ainda ressalta que as comunidades virtuais são formadas no ciberespaço a partir de certas características, como discussões de temas que lhe interessam, como um espaço onde as pessoas se encontram e se reencontram, ou que buscam manter contato através da internet para estender discussões e sentimentos. Neste sentido Rheingold afirma:

As comunidades virtuais são agregados sociais que surgem da Rede [Internet], quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no espaço cibernético [ciberespaço]. (RHEINGOLD, 1996, p.20)

Em contrapartida Wellman (1997) transmite a concepção de que a comunidade virtual não se apresenta como uma nova forma de sociabilização, mas de que a comunidade tradicional apenas foi deslocada para um novo suporte para preservar seus laços sociais. Neste sentido, a CMC seria simplesmente uma das diversas tecnologias que poderiam ser empregadas pelas pessoas por meio das quais as redes de comunidades existentes tem se comunicado. Sua perspectiva apoia-se no fato de que boa parte das comunidades virtuais que tem subsistido no tempo, apresentam laços do ambiente do ciberespaço para o ambiente concreto, viabilizando que seus membros se encontrem. Por este ângulo, é possível afirmar que, com efeito, muitos laços sociais construídos no ciberespaço tem se deslocado para a vida offline das pessoas, apesar de comumente esses laços continuarem sendo preservados, em princípio, no ambiente virtual. Contudo, aqui, no caso do coletivo da Feira da Freguesia, pretende-se verificar o contrário, se os laços construídos no espaço físico da feira, no plano offline, se deslocaram para o plano virtual refletindo nas associações e interações entre os feirantes observadas no ciberespaço.

Com base nessa fundamentação teórica, realizei primeiramente a observação não participante, durante 10 dias, do grupo de “Expositores da Feira da Freguesia” no Facebook. Ao acessar o grupo percebi de imediato que este era administrado pela Fundação Municipal de Cultura e Turismo da Prefeitura de São José, aberto ao público e que somente os administradores e os participantes poderiam fazer publicações, ou seja, os atuais feirantes ativos que participam do grupo físico da Feira da Freguesia, que são os 120 expositores, além daqueles feirantes que em algum momento já participaram da feira, mas que não se encontram mais ativos do grupo físico. Na página oficial do grupo constava até aquele presente momento, que o grupo era constituído por 400 membros.

**Figura 5** - Capa do grupo “Expositores da Feira da Freguesia” no Facebook.



Fonte: Facebook, 2021.

Através da observação das interações constatadas dentro do grupo do Facebook, mediante evidências como postagens, compartilhamentos, curtidas e comentários, foi possível verificar, no período de março de 2020 a outubro de 2020, as seguintes manifestações: a) por parte dos administradores do grupo: postagens de divulgação da Feira da Freguesia para a comunidade; e de divulgação do aniversário da feira para a comunidade e membros do grupo; b) por parte dos membros dos grupos: postagens de divulgação dos seus produtos; algumas postagens acerca da cultura local; algumas postagens de divulgação de produtos e serviços não relacionados à feira; e ainda algumas poucas postagens de doação de roupas ou solicitação de algum auxílio assistencial. Com relação a interação dos membros frente as postagens realizadas, observei que as postagens que partiam dos administradores do grupo, possuíam mais interação dos membros, tais como comentários, curtidas e inclusive também havia mais interação de pessoas de fora, não-membros do grupo. Nas postagens dos administradores do grupo, alguns membros também externaram sentimentos de saudades da feira por meio de comentários, inclusive perguntando quando esta iria retornar. Já com relação às interações dos membros frente às postagens de outros membros do grupo, essas eram em número bem mais reduzido, poucos membros curtiam as postagens de outros membros, mesmo aquelas de divulgação de seus produtos e haviam raras manifestações com comentários. E quando verificado algum comentário, normalmente esse era de algum cliente, não-membro do grupo, solicitando alguma informação acerca do produto anunciado. Também consegui perceber que desde o início do período de distanciamento social, normalmente eram sempre os mesmos membros que publicavam e interagiam dentro do grupo, tanto os que postavam, como os que curtiam e comentavam nas publicações realizadas pelos administradores do grupo.

**Figura 6** - Publicação dos administradores da feira no grupo do Facebook e algumas mensagens de saudades por parte dos feirantes.

 compartilhou uma publicação. 6 de agosto de 2020 · 🌐

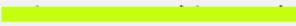


**Fundação Municipal de Cultura e Turismo de São José**  
4 de agosto de 2020 · 🌐

Semana de aniversário da Feira da Freguesia 🎉❤️ Como não podemos comemorar 🎉 juntos no Centro Histórico, decidimos matar a saudade relembrando os melhores momentos desses 6 anos de Feira, começando pela primeira edição, realizada em 2014.

👍❤️ 9 6 comentários 2 compartilhamentos

 Curtir  Compartilhar

   
Que saudade dessa alegria, da energia boa, das amizades, das coisas lindas e deliciosas que essa feira linda oferece! ❤️❤️❤️❤️❤️❤️  2

    
Que saudades de todos  2

   
Saudades de todos!! Por enquanto #fiqueemcasa e cuidem de quem amam!  2

Fonte: Facebook, 2020

**Figura 7** - Publicação de uma feirante ofertando seu produto no grupo do Facebook, com apenas uma interação de compartilhamento.

 26 de junho de 2020 · 🌐

COMBO - Vamos Brincar com a Barbie e as Roupinhas e acessórios?

Combo com mais de 20 roupinhas para a Barbie com bolsa, bota, tiara, vestido, calça, saia, calcinha, short, leg, tudo pra deixar sua Barbie fashion e divertida! A Barbie vai também pra brincar com você!! Combo com a boneca por somente 80,00!! (Sem a boneca, 50,00) Vamos ficar em casa e brincar? Entrega em Campinas e Kobrasol em São José SC, Grátis! Demais bairros consultar taxa de entrega!!

Entregamos também pa... [Ver mais](#)

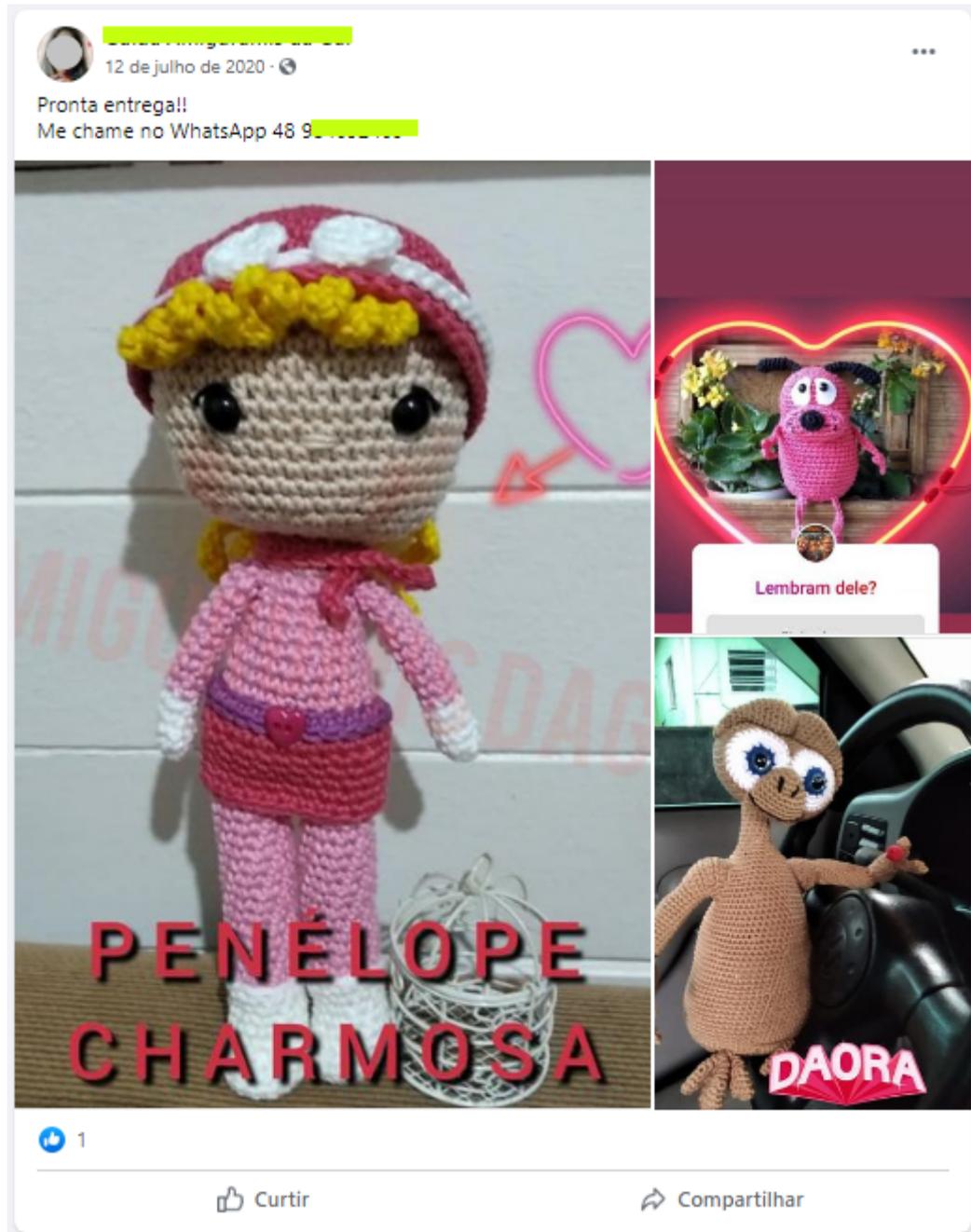


1 compartilhamento

 Curtir  Compartilhar

Fonte: Facebook, 2020.

**Figura 8** - Publicação de uma feirante ofertando seu produto no grupo do Facebook, com apenas uma curtida.



Fonte: Facebook, 2020.

Recuero (2001) argumenta que a comunidade deve pressupor relações de interatividade entre os seus membros. A autora concorda com Jones (1997) que sustenta que a interatividade não seria apenas uma peculiaridade do ambiente, mas uma ampliação da comunicação, visto que as mensagens sequenciadas, vão se relacionando umas com as outras, principalmente quando as novas mensagens que surgem estão relacionadas com as mensagens anteriores. Esta concepção relaciona a interatividade com as trocas comunicativas.

Com base nesse entendimento, foi possível verificar que, de modo geral, o grupo de “Expositores da Feira da Freguesia” no Facebook não era muito movimentado em termos de

dinâmicas interativas, embora tivesse um número significativo de membros. Então fiz minhas anotações acerca daqueles membros que estavam mais ativos, publicando e reagindo a outras publicações dentro do grupo. Assim, anotei seus contatos mediante as postagens de divulgação dos seus produtos, buscando também conhecer melhor o perfil destes membros por meio de suas páginas de perfil pessoal, onde foi possível obter mais informações acerca dos seus produtos em suas “linha do tempo”<sup>2</sup>. Deste modo, consegui delinear o primeiro desenho de um coletivo ativo dentro do grupo da feira no Facebook, fazendo um esboço a partir dos ramos de atividades que mais apareceram nas postagens: em primeiro lugar foram os produtores de artesanato; em segundo lugar foram os produtores de alimentos caseiros, em terceiro lugar aqueles que desenvolviam algum tipo de terapia holística; e por último os que cultivavam plantas ou algum tipo de produto orgânico. Percebi ainda, que dentre os membros ativos, os que mais interagiram no grupo, no sentido de publicar, curtir ou comentar nas publicações, tanto dos administradores quanto de outros membros, eram os produtores de artesanato. Assim, foi definido a partir da observação do grupo de “Expositores da Feira da Freguesia”, um grupo de feirantes que encontrava-se ativo no Facebook, tal como suas interações em conjunto por meio desta rede neste período de pandemia.

Ao término da análise desta primeira etapa, a compreensão que obtive foi que o grupo do Facebook não apresentava muita coesão e que não havia muita reciprocidade e interação mútua, através das manifestações públicas por meio desta rede social. Recuero (2001) discute a necessidade de se considerar o grau de coesão observado nos grupos dentro das redes e comunidades virtuais, fundamentando seu entendimento no trabalho de Wasserman e Faust (1994), que definiram grupos virtuais coesos a partir da reciprocidade dos laços ou conexões; da proximidade dos membros dentro do grupo; da frequência desses vínculos entre os membros; e a frequência desses vínculos entre os membros do grupo comparada aos não-membros. Para Recuero a reciprocidade é algo fundamental para a constituição de um laço social, apesar desta por si só não prover a força necessária para a preservação do laço, contudo a reciprocidade auxilia na sua percepção. Ou seja, através do nível de proximidade entre os membros do grupo de “Expositores da Feira da Freguesia” no Facebook, foi possível observar a baixa frequência com que eles interagiam entre si, como por exemplo, a carência de troca de mensagens, de curtidas e de reciprocidade em suas postagens.

À vista disso, passei para a segunda etapa da pesquisa, a de carácter exploratório-qualitativo, onde realizei os primeiros contatos com os membros ativos no grupo, através dos seus contatos comerciais divulgados nas suas publicações. No total foram entrevistados 30

---

<sup>2</sup> <http://g1.globo.com/tecnologia/blog/tira-duvidas-de-tecnologia/post/entenda-como-funciona-a-timeline-do-facebook.html>

membros através de videochamadas, tomando como base entrevistas em profundidade, como forma de obter dados relevantes para a concretização da proposta estabelecida. Cada entrevista durou em média de 40 min. à 1h.10min.

Durante os diálogos foi possível compreender melhor quais redes sociais estavam sendo mais utilizadas como ferramenta estratégica de comunicação entre os feirantes neste período de distanciamento social, bem como a estrutura e as dinâmicas dessas relações. Também tomei conhecimento através dos entrevistados que em média apenas 40% do grupo físico da feira estava participando ativamente do grupo do Facebook. Boa parte dos membros que estavam ativos no grupo “Expositores da Feira da Freguesia” no Facebook consideravam o grupo com pouca participação e envolvimento por parte dos feirantes entre si. Os motivos apresentados pelos entrevistados foram: falta de engajamento entre os membros para a divulgação conjunta dos seus produtos; utilização de outras redes sociais, como o Whatsapp e o Instagram, de modo particular, como meio de comunicação e integração para manter a coesão dos laços sociais; ausência de auxílio no sentido de instrução digital para os membros aprenderem a realizar a divulgação dos seus produtos; falta de suporte tecnológico para os feirantes por parte dos administradores do grupo; e o fato do grupo apresentar-se em grande número de membros, constando também pessoas que já não eram mais atuantes nas suas áreas e por isso estas faziam divulgação de produtos não relacionados à feira, perdendo-se de certo modo o propósito inicial do grupo. É possível observar tais manifestações nas seguintes falas:

F2: O grupo do Facebook não funcionou, eu acho que por serem muitos feirantes, não vejo muita interação ali no grupo. [...] Às vezes alguém chega ali e joga algum produto que não tem nada haver. Pode ir lá no Facebook e ver que não tem muita coisa da Feira da Freguesia. No Instagram a gente marca hashtag Feira da freguesia e tem muito mais interação entre nós. (...) Eu não vejo muitas interações dos feirantes no grupo no Facebook, inclusive tinha até uma pessoa fazendo publicidade na área de dermatologia, isso mostra o quanto já saiu totalmente do objetivo. Foi alguém que se mudou para esse tipo de coisa e aproveitou o espaço para divulgar o seu trabalho, mas isso já não tem mais nada a haver com a feira.

F14: Com relação às redes sociais, eu uso principalmente o Whatsapp e o Instagram para interagir com o pessoal. O Facebook é muito pouco, só quando eu compartilho alguma coisa que eu faço no Instagram, daí as vezes eu coloco lá também.

F15: Sinceramente lá no grupo do Facebook da feira o pessoal tá muito parado, tem gente ali, por exemplo, que foi lá na feira uma vez e desistiu de participar porque não vendeu nada. Daí depois, também não se animou para postar suas coisas ali.

F23: Eu vejo que falta isso no Facebook da Feira da Freguesia alguém da administração que nos auxilie na divulgação, que incentive e nos ensine como fazer.

Também foi possível compreender que não havia um grupo oficial de Whatsapp da Feira da Freguesia aberto para os feirantes interagirem entre si. Apesar de existir um grupo de

Whatsapp, criado e administrado pela prefeitura, este era apenas um grupo de transmissão para informativos da prefeitura, ou seja, um grupo no qual os feirantes não possuíam acesso para responder ou enviar qualquer tipo de mensagem. Apesar disso, os entrevistados relataram que estavam interagindo entre si, de modo particular pelo Whatsapp, seguindo a mesma formação dos subgrupos dentro do espaço da feira. Outro modo de interação, também relatado, foi por meio da conexão a grupos de Whatsapp de outras feiras da grande Florianópolis, uma forma não só de interação entre si, mas com outros feirantes da região, e deste modo mantinham-se atualizados acerca do retorno de outras feiras. Tais fatos podem ser observado nos seguintes diálogos:

F22: O grupo de Whatsapp da feira é um grupo morto. Não tem comunicação nenhuma entre os feirantes, a gente se quer recebeu uma mensagem informando se vamos ou se não vamos voltar.

F25: Então o grupo de Whatsapp da feira é só para recados e tão raramente a gente recebe, é mais referente a algum novo decreto, então fica todo mundo naquela expectativa para saber quando que vai retornar. Tem um grupo de Whatsapp de feirantes de outra feira que usamos, digamos assim, não é dos expositores da Feira da Freguesia, mas eu vejo que a maioria ali é o pessoal da Freguesia. Então ali o pessoal comenta e deixa link do seu Instagram.

**Figura 9** - Print screen do celular de um feirante constando que somente os administradores do grupo do Whatsapp podem enviar mensagens.



Fonte: Entrevistado F2, 2020.

Também foi averiguado que não existia nenhum grupo de expositores da feira no

Instagram, nem administrado pela prefeitura, nem organizado pelos próprios feirantes, sendo relatado pelos entrevistados que as interações entre o coletivo, por meio do Instagram, também estavam se dando de modo particular repetindo a mesma segmentação dos subgrupos formados dentro do espaço físico da feira.

Palacios (1996) expõe que no interior da Sociedade Complexa ainda conservam-se enclaves tradicionais, comunitárias, e conforme o ângulo de visão, eventualmente poderiam ser removidas, ou então de maneira oposta poderiam aparecer de modo mais valorizado, como núcleos de reação, como formas a serem protegidas, configurando uma espécie de antídoto à crescente massificação, tal como a despersonalização e desintegração, características estas que são encontradas na Sociedade Moderna (PALACIOS, 1996). Castells (2001, p.84) também argumenta que “comunidades culturais de cunho religioso, nacional ou territorial parecem ser a principal alternativa para a construção de significados em nossa sociedade”. Em sua concepção elas surgem a partir dos principais atributos: são construídas culturalmente; apresentam-se como reação a tendências sociais dominantes, opondo-se em defesa de fontes independentes de significado; constroem identidades defensivas como refúgio e fonte de solidariedade, para protegerem-se. Ou seja, organizam-se em volta de um conjunto de valores do qual o significado e uso compartilhado são delimitados por códigos particulares de auto-identificação. Bauman (2003, p.7) também argumenta que o homem contemporâneo tem procurado por um “lugar cálido” para se estabelecer, um lugar confortável, que lhe traga segurança contra as instabilidades da vida social em um tempo de “modernidade líquida”. Esse lugar tem sido procurado pelos indivíduos dentro das comunidades contemporâneas, devido a necessidade do sentimento de segurança, de pertencimento a um grupo, de união e de solidariedade, como se ali encontrassem um “paraíso perdido”, mesmo que por conta disso sua mobilidade e liberdade sejam reduzidas. Com base nestas concepções, foi possível compreender que um dos motivos pelo qual os feirantes não têm abraçado o grupo de “Expositores da Feira da Freguesia” no Facebook como principal meio de interação, é que estes têm escolhido fazer uso de outras redes, como o Whatsapp e o Instagram, devido a possibilidade de assim poder direcionar suas interações virtuais rumo aos laços e as estruturas de relações compostas dentro do espaço físico da feira. Ou seja, aquela formação pautada em sentimento de pertença, familiaridade e segurança, foram deslocadas para o ciberespaço, só que agora sua comunicação está ocorrendo de modo virtual. Por este motivo, as interações dos feirantes entre si, podem ser vistas sob uma ótica modernizadora, visando a superação dessas formas organizacionais tradicionais, ao mesmo tempo que compreendendo que tais formas têm se apresentado como núcleos de uma sociedade aperfeiçoada e mais solidária em seus modos de funcionamento (PALACIOS, 1996).

Baldanza (2007) alega que as novas tecnologias de comunicação têm transformado o

sentido de presença, redefinindo a noção de proximidade e afastamento, a diferença entre o que é real e o que é imaginário. Segundo sua perspectiva, a sociabilidade fundamentada no espaço físico “é uma fonte importante de apoio e interação social, tanto nas sociedades agrícolas, quanto na era industrial, pois essa sociabilidade era fundamentada não só em vizinhança como também nas relações de trabalho.” (BALDANZA, 2007, p.53) No entanto, ela também afirma que no decorrer da história e do desenvolvimento humano, a chegada de novas ferramentas tecnológicas tem viabilizado uma dissolução entre comunicação e presença física contribuindo para um novo tipo de sociabilidade.

Com a popularização da Internet nos anos 90 e suas peculiaridades que a diferem de outros meios de comunicação, cada vez mais adeptos têm sido atraídos pela rápida maneira de se comunicar, síncrona ou assincronamente. Kerckhove (1997, p. 246) demonstra isso exemplificando: “quando telefono de Toronto para Munique, transformo-me instantaneamente num homem cego com 7 mil quilômetros de comprimento. Quando uso uma videoconferência, estou mais lá”. Deste modo, a Internet tem possibilitado uma transmissão real, dispondo o controle nas mãos dos seus usuários. Kerckhove (1997, p. 247) também alega que “a *net* não é invasora, ou é-o ainda menos que o telefone, pois não chama as pessoas. As pessoas que a chamam.”, ou melhor, o usuário será chamado se assim o tencionar, visto que terá que conectar-se à rede para que isso venha acontecer. Deste modo, também pode-se afirmar que as novas tecnologias também têm modificado os limites de comunicação entre os indivíduos.

Meneses (2004) afirma que, através de pesquisas, os cientistas sociais têm demonstrado que o uso social das novas tecnologias não tem concorrido com outro tempo de uso social. Ou seja, a conexão virtual não tem afetado as origens de interações presenciais, sendo até mesmo origem para novos vínculos, dos quais poderão se converter em vínculos presenciais, e que estes também têm intensificado as relações já existentes com amigos e familiares. Frente a estas concepções, foi possível observar através das falas dos entrevistados, o quanto as redes sociais, de fato, tem suprido a necessidade de interação do grupo neste período de distanciamento social:

F11: Tenho colegas em comum na feira que se tornaram grandes amigas para mim, eu sempre converso com elas pelo Whatsapp. (...) A gente troca mensagens, troca ideias, troca momentos de saudades, relembra da convivência dos domingos na feira. Tem também aquele troca-troca de sugestões de vendas, inclusive de valores [...]. A gente sempre pergunta: “O que estão fazendo? Como estão inovando?” Estamos nos reinventando neste momento.

F27: Assim, a gente tem mantido o contato, é aquela coisa de bom dia, de “trocar figurinha” pelo Whatsapp. Quando eu tenho alguma dúvida eu mando mensagem para a Lúcia: “Como é que se faz isso na bolsa?” Ela sempre acaba me ensinando. (...) Também tem a Elisete que faz biscoit, ah com essa eu falo quase todo santo dia (risos).

Posso dizer que a gente não passou a pandemia longe, com a comunicação através da internet estivemos perto todos os dias.

Palacios (1996) discute a ligação entre os membros de uma comunidade a partir do sentido de ligação, de pertencimento. Esse sentimento de pertencer diferencia, por exemplo, o grupo de feirantes da Feira da Freguesia de algum outro movimento qualquer de feirantes constituído enquanto organizado. Neste caso, “ser um feirante” seria o laço de união, o traço básico comum, contudo somente por meio do sentido de ligação, de pertencimento aplica-se a noção de comunidade e não uma agregação de feirantes. Ou melhor dizendo, o sentimento de pertencimento traz um carácter solidário no interior da comunidade. No caso do coletivo de feirantes da Feira da Freguesia, foi observado que o sentimento de pertencimento de comunidade foi transferido primeiramente pelas conjunções de familiaridade fundamentadas no território e pelos ramos de atividades. Mas também foi possível identificar os laços de escolha, pela distinção particular que eles têm buscado se organizar e interagir entre si, através das redes sociais, demonstrando que o sentimento de pertencimento por seleção e escolha também tem acontecido. Neste seguimento observa-se a seguinte fala:

F26: A pandemia veio para mostrar quem são os teus colegas de verdade. Aqueles que querem estar conectados, que te procuram, que te enviam mensagem perguntando se está tudo bem. Coisa que até vivermos esse momento, só pelas interações dentro da feira não conseguíamos perceber. Então eu acredito que apesar de tudo o que tem acontecido, isso está sendo muito bom para nós.

Palacios (1996) alega que o pertencimento por escolha aparece com característica elementar das comunidades virtuais. Ou seja, para pertencer a um determinado grupo, o indivíduo primeiramente tem que desejar o envolvimento, buscando de forma desobrigada, a conectividade e a interação com os outros membros que fazem parte do grupo. Tal peculiaridade por meio das redes sociais, foi facilmente detectada entre os feirantes durante toda a pesquisa.

Através das entrevistas também foi possível constatar que as interações virtuais entre os feirantes da Feira da Freguesia estavam se dando principalmente através do Whatsapp, configurando duas formas de ligação: a) de modo particular, a partir da mesma rede de relações provindas da formação dos subgrupos dentro da feira, dos quais os feirantes já possuíam cooperação entre si e sentimento de pertença. Ou melhor, os vínculos que foram estabelecidos através de laços de familiaridade, mediados por ramos de atividades e pela territorialidade foram transferidos para as interações virtuais. b) por meio da participação de grupos de Whatsapp de outras feiras da grande Florianópolis, onde além dos subgrupos manterem contato entre si, acabam entrelaçando relações com outros feirantes. Tais relações são marcadas por

laços sociais mais fluídos, como tribos urbanas, das quais os subgrupos já estavam inseridos antes do distanciamento físico. Ou seja, aqui reaparecem as mesmas alianças entre os pequenos grupos formados dentro da Feira da Freguesia e aquela rede de relações de participação com outras feiras da grande Florianópolis, só que por agora esses encontros transpassam o espaço físico e o tempo, configurando novas formas de interações no ciberespaço.

Os entrevistados, membros dos subgrupos informaram que o uso do Whatsapp ocorre principalmente de modo particular, como meio de comunicação entre si para manter os seus vínculos emocionais e laços afetivos, embora também seja utilizado para compartilhar orientações técnicas sobre como fazer determinado produto e realizarem trocas mútuas. Wellman (1997) entende que o laço social é a legítima conexão entre os atores que são compreendidos em uma ação de interação. Para ele, os laços consistem em relações de proximidade, de contatos regulares, trocas de informação e suporte emocional. O modelo dessas relações seria o sustentáculo da rede social, pois elas ordenam os sistemas de trocas, controle, dependência e cooperação. Deste modo, o laço social, tem conectado cada vez mais os feirantes dos subgrupos como resultado da acumulação das interações estabelecidas entre eles, fortalecendo gradativamente esses laços. Granovetter (1973) reconhece que a força de um laço é uma harmonia contínua da parcela de tempo, intensidade emocional, intimidade, confiança mútua, e interações recíprocas. Essas peculiaridades podem ser observadas nos seguintes diálogos dos membros de cada subgrupo:

F27: A gente se procura pelo Whatsapp para saber como estão, para passar alguma indicação. Tem por exemplo, a Elisete do biscuit, a Rute do gesso, a Ana das caixinhas de MDF e a Lúcia que faz artesanato com tecido como eu.... Nós conversamos bastante pelo Whatsapp. Temos um grupinho, que sou eu, a Lúcia e a Maria, cunhada dela, que também faz feiras com a gente. Por por ali acabamos também comprando coisas em conjunto para a matéria prima ficar mais barata, então a gente faz dessa forma porque fica mais fácil para estar junto e conversar.

F29: A gente tem algumas pessoas com quem se relaciona melhor e tem uma relação mais próxima, até por questão de estar junto em outras feiras e trabalhar com alimentação. Então continuamos mantendo contato, mas não via grupos de Whatsapp, mas procurando esses amigos por fora, né. Até porque em grupos sempre tem aquela polarização de gente que acredita demais na pandemia, gente que acredita de menos, daí decidimos manter contato à parte. Então vamos mantendo contato assim, eu mando uma mensagem: “Ó como que tu estás aí?” Tudo bem com vocês? Família e tal? A gente conversa um pouquinho e já vem a saudade de voltar a trabalhar, de estar juntos e de conversar pessoalmente também. A gente tem suprido um pouquinho assim a necessidade do contato humano, né?

F2: O que posso lhe dizer é que utilizamos o Whatsapp mais entre nós, num nível mais para a parte pessoal, para conversar. (...) Se alguém pega uma encomenda me chama para completar a encomenda dela. Por exemplo, se a pessoa faz um trabalho de madeira, me chama para colocar um bichinho junto ao trabalho dela, então estamos sempre se ajudando. Todo mundo está sentindo muita falta da feira, então assim também é uma maneira da gente matar a saudade um do outro, conversando. Pode não

parecer, mas passávamos muito tempo juntos, então sentimos muita falta, muitos estão sofrendo, alguns até adoeceram, então pelo menos estamos juntos deste modo, para poder dar uma palavra para o outro.

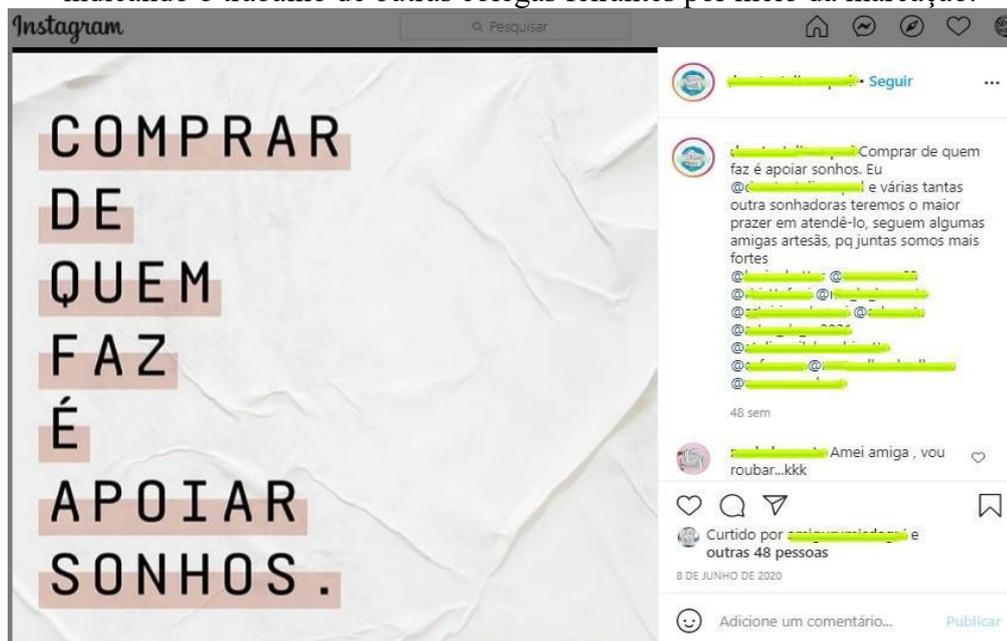
A primeira fala acima é de uma artesã integrante do subgrupo formado a partir da Feira “São José feito à mão” no Kobrasol. A segunda fala é de um feirante que faz parte do grupo do “pessoal da gastronomia”. E a terceira fala é de uma artesã integrante do subgrupo que se formou dentro da Feira da Freguesia a partir das proximidades das barracas e combinação de produtos feitos a partir de matérias primas distintas. Nas três falas é possível identificar os laços fortes entre os membros dos subgrupos, caracterizados pela intimidade, pela proximidade emocional e pela ação intencional dos seus membros buscando conexão entre si e se esforçando para mantê-la. Ou seja, por meio das interações particulares no Whatsapp tem sido viável a manutenção da conexão emocional, do sentimento de familiaridade e da ajuda mútua dentro dos pequenos grupos.

A interatividade também aparece como um traço essencial para que essas relações sociais aconteçam por meio do Whatsapp. Neste ponto de vista, Lakatos e Marconi (1999) compreendem que uma ação social orientada reciprocamente quando dois ou mais indivíduos mantêm contato, diferenciando-se de uma simples estimulação entre si, uma vez que esta contém significados e expectativas referentes às ações do outro, retratando uma mutualidade nas ações sociais. Santos (2002) também argumenta que apesar da interação mediada apresentar peculiaridades com relação a interação presencial, seu princípio analítico continua sendo a interação não-mediada. Deste modo é possível observar que elementos presentes nas interações face a face destes subgrupos, também foram encontrados nas suas interações virtuais, sustentando seus laços emocionais, sentimento de familiaridade e pertencimento, tal como suas afinidades de espírito, designadas pelos seus ramos de atividades.

O Instagram também foi apontado pelos membros de dois dos subgrupos como a rede mais utilizada para manter os seus vínculos comerciais, para indicação do trabalho um do outro e comercialização dos seus produtos de modo geral. O primeiro subgrupo que apontou o uso do Instagram, nesse sentido, foi o grupo formado a partir da “Feira São José feito à mão”, onde seus membros relataram que compartilham postagens uns dos outros e marcam seus colegas feirantes nas suas postagens, com o intuito de indicá-los para outros clientes e usuários da rede. O segundo subgrupo que apontou o Instagram como rede utilizada para sua interação, foi o que se formou a partir do layout das barracas na feira e pela combinação de produtos com matérias primas distintas. Neste subgrupo, também foi identificada a existência de um compromisso mútuo, não firmado entre os seus membros, ou melhor, quando um membro faz uma postagem

de divulgação do seu produto, os demais imediatamente compartilham e comentam para auxiliar na sua promoção e venda. O grupo também utiliza a ferramenta de marcação para vincular outros membros a uma publicação, com o objetivo de indicação para os clientes, usuários da rede. Nas imagens a seguir, da página do Instagram de uma feirante, é possível observar algumas dessas interações.

**Figura 10** - Publicação de uma feirante no Instagram em sua página pessoal indicando o trabalho de outras colegas feirantes por meio da marcação.



Fonte: Instagram, 2020.

**Figura 11** - Respostas de feirantes, por meio de mensagens e curtidas, na publicação onde sua colega feirante às marcou (parte 1).



Fonte: Instagram, 2020.

**Figura 12** - Respostas de feirantes, por meio de mensagens e curtidas, na publicação onde sua colega feirante às marcou (parte 2).



Fonte: Instagram, 2020.

À vista disso, observa-se que os vínculos entre os membros desses dois subgrupos também estão estabelecidos pela troca, atuando na promoção do engajamento dos seus produtos

e serviços para os demais usuários da rede por meio da marcação um do outro nas suas postagens, dos compartilhamentos e dos comentários síncronos. Máximo (2007) em seu estudo etnográfico sobre blogs, compreende que a partir da observação dos mecanismos e táticas de comunicação pautadas na conservação e expansão dos circuitos de troca, são demonstradas uma sequência de ações encenadas, trazendo ao cenário elementos de espontaneidade, gratuidade e bondade, visando continuamente, por meio do acordo, o engajamento da preservação dos vínculos e dos interesses na aliança e cooperação. À vista disso, tal exercício da reciprocidade construído por meio do Instagram, pode ser compreendido sob o ponto de vista dos pressupostos da dádiva apresentados por Mauss (1974) com intuito de entender o lugar da dádiva nas relações sociais contemporâneas. Mauss (1974, p. 211) argumenta que a finalidade da dádiva “é produzir um sentimento de amizade entre as duas pessoas envolvidas”. Ou seja, não são trocados apenas bens e riquezas, mas acima de tudo, amabilidades, banquetes, ritos, festas, feiras, etc, dos quais o mercado constitui em apenas um dos elementos da troca, onde o estabelecimento de riquezas é apenas uma das condições de um contrato mais amplo e permanente. Por esse ângulo é possível considerar pelo modo como os membros dos dois subgrupos estão fazendo uso da troca por meio das suas interações virtuais, pois quando um interage com objetivo de ajudar o outro, eles acabam se obrigando mutuamente a continuarem a ação, o que acaba por colocar seus produtos em movimento, estando sempre presentes nos fluxos. Tais ações são comuns ao lugar da dádiva, ao destacarem a gratuidade e a naturalidade dos movimentos em oposição da obrigação e do interesse. As falas a seguir possibilitam a verificação dessas características nos dois subgrupos, sendo que as duas primeiras falas são do subgrupo que se formou a partir da realizada no Kobrasol, “Feira São José feito à mão”, e as duas últimas do subgrupo que se formou a partir da proximidade das barracas e produtos com matérias prima diversificada dentro da Feira da Freguesia.

F26: A gente se une assim, um compartilha o trabalho do outro. Se eu não conseguir vender meu produto, fico feliz se por causa do meu compartilhamento, a Sandra vendeu, por exemplo. Se isso ajuda outras colegas a conseguir vender, então fazemos, usando nossos Instagrams mais para essas coisas, para divulgar nossos trabalhos.

F27: Eu acho que o que difere nossas interações entre os demais é a nossa união. (...) Se alguém faz uma postagem, temos aquela coisa: "Ah, vou compartilhar o que ela está fazendo." Tipo assim uma que faz biscuit, outra que faz MDF, compartilha as minhas coisas, as bolsas que eu faço. O certo é isso né, cada um compartilhar para ajudar, então temos uma união, não é total né, mas temos aquele grupinho que se uniu mais, que pegou mais amizade porque além da Freguesia fazíamos feiras todas as sextas-feiras ali no Kobrasol.

F2: No instagram eu interajo com elas, mais para divulgar meu trabalho. Uma divulga o trabalho da outra, curtindo, comentando, até porque por ali é mais fácil. O Instagram a gente usa mais para isso, para divulgar o trabalho, para ajudar quem está precisando. Compartilhamos uma o trabalho da outra no Instagram, divulgando e oferecendo para

nossos clientes, até porque não temos mais a feira para isso.

F:25 Desde o começo a gente tem procurado estar se ajudando. No Instagram, por exemplo, teve bem forte aquela coisa do “marque seu amigo empreendedor que você admira”, então essa interação vem acontecendo muito forte, desde quando fechou tudo. No início o Instagram até abriu aquela “sacolinha”.

Os membros do subgrupo do “pessoal da culinária” manifestaram que, por seus produtos se tratarem em sua maior parte de alimentos produzidos e fabricados para consumo imediato, eles não têm interagido através do Instagram nem de outras redes, para divulgação e comercialização. Foi possível observar que suas interações virtuais estão focalizadas apenas por meio do Whatsapp, como rede social para manterem a integração do grupo. Como já foi demonstrado nesta pesquisa anteriormente, este é modo pelo qual eles têm mantido seus fortes laços de familiaridade, além de também estarem conectados entre si por meio de grupos de Whatsapp de outras feiras e eventos, com o intuito de permanecerem sempre atualizados acerca dos retornos de atividades de outras feiras. É possível constatar tais particularidades, na seguinte fala:

F28: Nós também estamos conectados a outros grupos de feiras pelo Whatsapp, tem o grupo da Feira da UFSC, da Feira da Lagoa, são grupos para obtermos informações, mas trabalhar nas feiras que é bom, nada até agora né. Para nós não tem jeito, a venda de comida tem que ser direta. Você vai comprar um acarajé para delivery? Acarajé tem que ser feito na hora, quentinho. E tem um monte de produto nosso que não dá para vender pelas redes, até porque não seria gostoso, não é como um frango frito ou uma pizza entregue na porta da sua casa né.

F6: Eu não divulgo, nem vendo nada pelo Instagram e Facebook, meu trailer está ali parado.

O Whatsapp também foi apresentado pelos entrevistados dos subgrupos como o instrumento essencial para a manterem conexões entre si e junto aos feirantes de outras feiras da grande Florianópolis. Visto que a Feira da Freguesia não tem um grupo de Whatsapp aberto que proporcione interação entre seus membros, a maioria dos entrevistados também estão conectados entre si por meio destes outros grupos de Whatsapp. Aqui a rede é utilizada principalmente: para preservar a comunhão; para manter seus contatos comerciais, ocorrendo eventualmente alguma indicação, quando aparece um cliente interessado em algum tipo de arte ou produto específico; e acima de tudo para compartilharem informações entre si acerca de outras feiras menores, de ações e decisões das prefeituras das cidades vizinhas, durante esse período de distanciamento social. Um exemplo relativo a isso é a atualização diária sobre quais feiras já retornaram ou interromperam suas atividades novamente, o que tipifica um sentimento emocional coletivo voltado para o infortúnio da pandemia. Para os feirantes da Feira da Freguesia essa troca de informação é fundamental, visto que a feira não tem prazo para retornar

às atividades, por possuir atributos, como shows e apresentações artísticas, que a caracterizam também como um evento e não apenas como feira. Tal peculiaridade a impede de voltar a ocorrer, devido às restrições governamentais. É possível averiguar tais características nas seguintes falas:

F7: Nos grupos de Whatsapp acontece muito de ajudar o colega que precisa. Um exemplo: “Gente me pediram alguém que faça matelassê?”, “Vou colocar aqui o contato da pessoa que está precisando”, ou então uma pessoa responde lá no grupo: “Fulano faz” e envia o contato. Isso acontece constantemente, é uma cumplicidade saudável. Eu mesma já recebi muitos contatos assim. [...] Hoje mesmo, pela manhã, eu conversei com duas colegas da Freguesia pelo grupo de Whatsapp. Eu sempre estou interagindo com elas, a gente sempre conversa através dos grupos de Whatsapp de outras feiras. Assim ficamos sabendo quais feiras estão abrindo, quais estão fechadas, quais são as perspectivas para a abertura, já que estão abrindo gradativamente. E aí conversamos ali, com outras pessoas também. (...) Os feirantes da Feira da Freguesia fazem feira em outros lugares também. [...] Então, ali interagimos com feirantes de outras feiras, então isso cria na gente laços afetivos, a gente está sempre se falando, conversando, porque a gente tem algo em comum com esses outros feirantes, porque todos pertencem a feiras que a gente faz.

F12: Nos grupos de Whatsapp de outras feiras está tendo bastante interação, até porque algumas feiras já estão abrindo, mas antes disso o assunto parecia uma gangorra política, entre o pessoal que não vê a hora de voltar a trabalhar e o pessoal do pânico que só assusta e coloca medo, mas eu fico na minha, só observo.

F15: No momento tá tudo meio em *off*, mas tenho falado pelo grupo de Whatsapp, com uma galera da Feira Viva a Cidade. [...] Nessas outras feiras, na verdade, participa o mesmo pessoal da Freguesia, é o mesmo círculo, tem pessoas ali que participam da Feira da Freguesia, da Feira Viva a Cidade, e uma outra feira lá na ilha, a Feira da UDESC. Tem muita gente que participa de quatro, cinco feiras como feirante. [...] Eu tenho tido contato com esse pessoal que estão no grupo da Feira da Viva a Cidade e assim a gente troca informação, coisas importantes que valem a pena compartilhar.

Esse tipo de relação mais fluida caracterizada por sentimentos emocionais coletivos tem funcionado como uma espécie de válvula de escape. Maffesoli (2006) apresenta as tribos urbanas a partir de uma visão crítica da concepção de desencantamento (*Entzauberung*) do mundo assinalada por Weber (1967). Em seu entendimento estariam se formando nas sociedades contemporâneas uma tendência comunitária, em resistência a esse traço dominante da modernidade. O “reencantamento do mundo” tem se manifestado diante do poder do Estado e das instituições, diante da impessoalidade, do individualismo e do anonimato imposto aos indivíduos pela modernidade. Tal tendência apresenta-se como uma espécie de fuga, proporcionando a sintonia de experiências, o fortalecimento dos laços afetivos e de solidariedade, bem como a utilização de códigos de comunicação, sejam estes estéticos ou comportamentais.

Aqui os grupos de Whatsapp de outras feiras caracterizam-se como forma de promover a comunicação, oportunizando a socialidade, visto que os membros encontram-se apoiados por

uma lógica de compartilhamento de paixões e sentimentos de projetos de vida. Deste modo, é possível pensar o coletivo da Feira da Freguesia buscando novas comunhões por meio do “entrecruzamento flexível de uma multiplicidade de círculos cuja articulação forma as figuras da sociabilidade” (MAFFESOLI, 2006, p. 109). Para Maffesoli (2006) o sentimento e a experiência partilhada geram solidarismos, que tanto podem ser conservados ou modificados por outros. A fidelidade à tribo não é uma condição necessária, deste modo, os indivíduos compartilham paradoxalmente, também nas discordâncias, derivadas da dinâmica de sociabilidades múltiplas conjuntas, o que não quer dizer que se produzam relações profundas. Os ambientes formam um fluxo contínuo de sociabilidades que entrecruzam-se, penetram-se e se desprendem para gerar novas relações, levando consigo o *ethos* das relações anteriores. Deste modo observa-se que o entrelaçamento dos pequenos grupos da Feira da Freguesia com os grupos de feirantes de Whatsapp de outras feiras, proporciona um tipo de fluidez entre grupos, apresentando influências mútuas de socialidades e o pertencimento a várias tribos ao mesmo tempo.

Convém ainda ressaltar que, apesar dos feirantes terem a sua disposição, o grupo de “Expositores da Feira da Freguesia” no Facebook, em unanimidade, essa é uma rede pouco utilizada pelo coletivo, para manutenção dos seus laços sociais. Os motivos observados foram: os entrevistados estão migrando para o Instagram; os subgrupos encontraram de modo autônomo, por meio do Whatsapp e o Instagram, formas de auto-organizarem e interagirem entre si; e principalmente os entrevistados consideram que os administradores do grupo “Expositores da Feira da Freguesia” do Facebook não prestaram auxílio tecnológico e incentivo aos seus membros, como encontraram junto a administração de outras feiras da grande Florianópolis. Esse último motivo foi observado, com mais frequência nas falas dos entrevistados:

F25: Para mim o que faltou no grupo do Facebook, foi uma feira vitrine, como aconteceu com outras feiras. Teria que ter sido feito uma feira virtual. Então eu senti que na Freguesia faltou isso, não sei se não houveram interessados, mas enfim.

F22: A Feira da Freguesia tem um grupo no Facebook, e ali quem quiser coloca as fotos daquilo que faz, e aí fica ali à disposição de quem quer, mas é só isso acabou. Lá na outra feira que participo o próprio administrador do grupo do Facebook, organiza toda aquela parte de mídia da feira. Ela chama os feirantes pelo grupo de Whatsapp: “Eu quero que vocês me enviem as fotos daquilo que estão produzindo, para a gente juntar tudo e divulgar no Facebook.” Eles nos unem mais neste sentido, eles nos estimulam mais. É isso que não é feito na Feira da Freguesia, é cada um por si: “Óh gente coloca ali no Facebook quem quiser.” [...] Não vejo uma pessoa para nortear aqueles feirantes que não sabem utilizar esse tipo de recurso tecnológico.

F23: Falta isso na Feira da Freguesia, uma pessoa que incentive, que ajude na

divulgação, que ensine o feirante. Porque nesta pandemia falando em Feira da Freguesia, o que nos resta? E não está tendo nada no grupo do Facebook.

Foi identificado de maneira muito evidente que quando os entrevistados descreveram suas experiências acerca de mais de 5 anos de edições da feira, no espaço físico do Centro Histórico, que em nenhum momento foi manifestado reivindicações acerca da gestão pública. Pelo contrário, boa parte dos feirantes apresentaram elogios, acerca da organização, do planejamento e do suporte administrativo como um todo. Algo que apareceu completamente diferente no que se refere a opinião dos entrevistados no período de distanciamento social. Aqui foram manifestadas críticas voltadas para a ausência de ações públicas administrativas por meio de suporte tecnológico para auxílio dos feirantes, bem como a falta de apoio técnico concernente à instrução para os mesmos, principalmente para os mais idosos que são grande parcela do grupo físico na feira. A maioria dos entrevistados demonstrou preocupação nesse aspecto, pois sem a inclusão digital desses colegas fica mais difícil para o grupo manter a coesão neste momento, bem como impossibilita que todos, inclusive os mais idosos, consigam divulgar e comercializar seus produtos por meio das redes sociais. Neste sentido, Matias-Pereira (2010) atribui a existência do Estado como resultante sobretudo da necessidade de realizar o bem comum, sendo este substancializado através do Governo e da Administração Pública. Deste modo, o Estado diz respeito a um conjunto de instituições constituídas para a satisfação das demandas da sua população, buscando sempre estabelecer o bem comum. Nesta lógica, compreende-se que apesar da prefeitura sempre ter assegurado a satisfação das necessidades coletivas do grupo durante os mais de 5 anos de edição da feira, no momento de pandemia o grupo tem se sentido desassistido no que se refere a viabilização do auxílio tecnológico para que todos mantenham a comunicação, bem como a realização da divulgação dos seus produtos. Sobre esse assunto é possível observar as seguintes falas:

F30: [...] tem o hashtag prefeitura, os canais da prefeitura que estão lá parados [...] até tiveram algumas publicações da feira que eu achei bacana, mas foi só ali, entendeu? Então tem muita coisa que eles poderiam estar fazendo por meio da tecnologia para nos ajudar a movimentar, para que a Feira da Freguesia não morra, porque para ela acabar é dois palitos.

F7: Eu acredito que muitos colegas que participam comigo na Feira da Freguesia tinham uma vidinha pacata, de fazer seu crochê e ir ali vender no domingo. Durante a semana ele fazia e ia lá na feira, já vendia seu produto e via os colegas, era essa a realidade. Hoje essa realidade mudou de forma extremamente abrupta e ele não foi treinado para isso, só que ele continua precisando vender para sobreviver. E o Estado tem culpa disso também, pois tem que prestar algum tipo de auxílio para essas pessoas aprenderem a fazer o uso das redes sociais, a administração não está compreendendo a proporção disso.

F10: Uma senhorinha de 60, 70 anos não está preparada para isso, mas poxa se você é o gestor público da feira, você tem que se preocupar com isso, até porque seu salário

vai vir dali também, porque se a feira morrer, o emprego desse gestor também morre. [...] Então, faltou organização da administração pública, pois só mandar a pessoa ficar em casa não ajuda em nada.

A partir das falas é possível constatar claramente a preocupação do grupo com aqueles que têm tido dificuldades para acessar recursos tecnológicos, principalmente os mais idosos. O pleno desenvolvimento de uma pessoa, seu preparo para o exercício de cidadania e qualificação para o trabalho, por meio da educação, estão previstos pela Constituição Federal de 1988. Esse direito é assegurado a todo cidadão brasileiro sem distinção de raça, cor ou idade (BRASIL, 1988). O capítulo III, seção I, Art. 3 salienta especificamente a viabilização de modos alternativos de participação, ocupação e convívio do idoso com as demais gerações. Do mesmo modo, o Estatuto do Idoso, sancionado em 2003, assegura cursos voltados especialmente para idosos que tragam conteúdos relacionados a técnicas de comunicação, computação e outros avanços tecnológicos para que estes também possam estar integrados à vida moderna (BRASIL, 2003). Tais caracteres legais, traz a análise uma questão que vai além do acesso à Internet, já que isso é insuficiente para o feirante idoso suprimir suas necessidades de manter-se conectado ao coletivo por meio das redes sociais e assim também poder participar das interações conjuntas de divulgação de seus produtos. No contexto da sociedade em rede de Castells (1999) existe um cenário de implicações sobre as estruturas sociais, resultado do uso das tecnologias da informação e comunicação (TICs). Castells (1999) ressalta que há uma grande influência da tecnologia na esfera financeira, nas empresas, nos modos de trabalho e nas relações humanas. Frente às demandas apresentadas, manifestarei uma breve análise a respeito da exclusão digital de feirantes mais idosos, bem como a ausência destes para que o grupo se mantenha unido, e à inclusão de alguns feirantes de meia idade, que ousaram por conta própria buscar recursos para se auto incluir no universo das redes sociais.

### 3.2. A EXCLUSÃO E A INCLUSÃO DIGITAL

Como já foi demonstrado no início desta pesquisa, dos 30 feirantes entrevistados, 11 continham idade entre 40 à 49 anos e outros 11 tinham idade entre 50 à 59 anos, o que os caracterizou a princípio como um grupo de faixa etária de meia idade. No entanto, 6 dos feirantes entrevistados apresentaram idade entre 60 à 71 anos e esses manifestaram sua dificuldade de acompanhar o coletivo por meio das redes sociais, devido a sua falta de instrução e prática para operacionalizar ações por meio das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Neste sentido, Cjaza e Lee (2007) afirmam que a falta de acessibilidade e

principalmente a ausência de aptidão para fazer o uso da tecnologia, colocará gradativamente os idosos em desvantagem em termos de se mover de maneira autônoma, restando sua capacidade de viver e de funcionar de modo independente. Ou seja, aqui a falta da adaptação ao uso das TICs é apontada como um dos motivos que mais tem segregado a população idosa na sociedade moderna. Witte e Mannon (2010) também afirmam que o acesso às TICs por si só, não viabiliza a inclusão de pessoas que não detêm de “competências técnicas, não reconhecem os códigos de status nem as estruturas de conteúdo” (WITTE E MANNON, 2010, p. 144), característica que traz ao debate a exclusão digital desses feirantes mais idosos.

Lemos e Costa (2005, p. 8) apresentam o conceito de exclusão digital como a “falta de capacidade técnica, social, cultural, intelectual e econômica de acesso às novas tecnologias e aos desafios da sociedade da informação”. Ou seja, a Internet desempenha um papel de estruturação na vida das pessoas na sociedade atual, indiferente se estas utilizam ou não a tecnologia. Os efeitos de estar conectado com a sociedade em rede impacta não apenas a inclusão econômica, como todas as outras esferas da vida, desde a educação, questões comunitárias, produção cultural, entretenimento, interações pessoais e participação política. (Warschauer, 2004). É neste lugar de impacto que alguns dos entrevistados manifestaram-se encontrar neste período de afastamento físico, sentindo o encargo de precisarem acompanhar tais processos, já que a feira não está mais acontecendo no espaço territorial, do modo tradicional em que estavam habituados. A fala a seguir aponta esse caráter:

F13: O que eu senti falta nessa pandemia, tanto para meu trabalho como para poder interagir melhor com o grupo nas redes. É que esqueceram que nós idosos não fomos criados em tecnologia. Eu tenho Instagram, trabalho com cartão de crédito e tudo, mas eu acho que eles tinham que ver um jeito de ensinar a gente. Eu tento postar algumas coisas no Instagram, mas eu não sei, eu fico lá tentando adivinhar as coisas, sabe? (...) Eu até poderia tentar vender pelas redes sociais, mas não sei mexer com aquilo ali. (...) Nós idosos estamos esquecidos, porque vivemos em outra época. (...) Eu vejo as pessoas falarem “envia o link”, mas eu não sei como fazer. Sabe, estou sendo bem sincera, estou te mostrando as minhas dificuldades, se me ensinar um pouquinho por dia: “é assim, é assim”, eu deslancho e se precisar até ensino para outros também. Mas até agora eu não recebi nenhum ensino sobre essas coisas.

Diante da necessidade, alguns desses feirantes mais idosos, têm contado com o auxílio de um filho, um neto ou afilhado, para fazer o uso das redes sociais de modo esporádico, já que recebem suas visitas ocasionalmente. Contudo, todos exteriorizaram sua falta de autonomia e o quanto é dificultoso depender de outra pessoa, pois estes rapidamente fazem o que lhe é solicitado, mas não conseguem ensinar gradualmente, passo a passo. Prensky (2001), educador americano, fez uma classificação dividindo as gerações de usuários da Internet a partir dos termos: “nativos digitais” e “imigrantes digitais”. Segundo ele, os jovens e as crianças imersos

nas tecnologias digitais, nascidos desde 1980, quando as tecnologias se tornaram online, são classificados como “nativos digitais”. Para esses o uso da Internet foi naturalizado por meio de videogames, celulares, *tablets*, *ipads*, etc. Já os adultos nascidos, antes de 1980, são considerados “imigrantes digitais”, em consequência de terem crescido longe da Internet, de terem se desenvolvido e em mundo analógico e dessa forma possuem uma certa estranheza com o uso da tecnologia. Essas pessoas são habituadas com papel, livros e jornais impressos e terão sempre que se adequar ao momento tecnológico atual. Palfrey e Gasser (2011) fundamentados em Prensky (2001) alegam ocorrer um distanciamento entre os nativos e os imigrantes digitais devido às barreiras de culturas e linguagens diferentes a serem quebradas. Tais pontos de vista concernem bases para se pensar as dificuldades apresentadas pelos feirantes mais idosos, tanto referente às relações como de dependência da pessoa mais jovem, fazendo com que a condição de não conseguirem incorporar por si mesmos as novas tecnologias, nem de desempenhar suas atividades, a princípio permaneçam. Nos seguintes diálogos é possível observar tais particularidades:

F4: Eu tenho a minha neta, ela é quem está me ajudando. (...) Ela me ajuda mexendo com essas coisas, porque na minha época não tinha nada disso aí. Ela que fez Facebook, Instagram, então é ela que mexe com essas coisas para mim.

F5: Olha quem me ajuda é minha filha, ela põe todos meus trabalhos lá no Instagram [...] Então é ela que faz tudo, porque eu não sei mexer nisso.

F13: Abriu outro mercado e eu sei que posso vender muito bem com o uso da tecnologia. (...) meu afilhado vem de vez em quando aqui me ajudar, mas como ele trabalha fora eu nem sei onde ele anda. Eu tô bem perdidinha.

F11: Quando eu peço para meu filho “Ajeita isso para a mãe” ele me diz “Mãe é assim, assim, assim... Mãe eu já te mostrei, vou ter que fazer de novo?” E aí começa... (...) Meu Deus tem que ter uma forma de eu aprender a fazer isso sozinha.

Por conta dessas falas, é possível compreender que existem feirantes conectados virtualmente pelas redes, que não se consideram incluídos digitalmente, ainda que aparentemente estejam “conectados” por meio do Whatsapp, Instagram ou Facebook. Além destes apresentarem limitações para interação no Instagram e no Facebook, também foi verificado dificuldades para responder mensagens do Whatsapp, tal como fazer uso dos seus recursos. Um exemplo prático, é que dos 6 feirantes idosos que entrevistei por chamada de vídeo de Whatsapp, 3 precisaram da ajuda técnica de outra pessoa para que a entrevista pudesse acontecer.

Dos 30 entrevistados, boa parte também mencionou uma preocupação com uma parcela de feirantes idosos com quem eles não têm tido contato por meio das redes sociais, por estes não as utilizarem. Por meio da etnografia virtual não foi possível alcançar esses feirantes,

devido a exclusão digital, mas foi possível saber da existência deles por meio das falas dos entrevistados:

F18: Mentalizando a feira fisicamente, eu consigo lembrar mais ou menos da disposição das barracas e daí me vem à memória uma senhorinha que faz doces caseiros, de um senhor que faz banquinhos de madeira e aí eu percebo que não tenho visto essas pessoas nas redes sociais. Então eu sei que está faltando pessoas, e assim consigo ter mais noção que tem muita gente, pessoas mais idosas que não estão aparecendo nas interações virtuais.

F30: Eu que já tenho um pouco mais de contato com essa parte digital já apanho pra caramba. A minha vizinha lá na Feira da Freguesia é uma senhora idosa que faz geleias maravilhosas, que mal sabe usar o Whatsapp. Você acha que ela está conseguindo divulgar o produto dela nas redes sociais? [...] Tem um vovozinho a coisa mais gostosa desse mundo, que faz peteca de courino com pena, onde tá esse vovô agora? Eu não tenho visto eles interagindo pelas redes.

Nas falas dos entrevistados, fica bem claro que eles têm notado a ausência de membros idosos do grupo físico na feira interagindo com o coletivo por meio das redes sociais. Aqui a exclusão digital além de atingir os membros mais idosos da feira, também torna-se um problema para o coletivo que os integra, na medida em que uma importante parcela do coletivo está afastada da sua capacidade de participar plenamente das interações virtuais. Apesar de alguns estudos demonstrarem que a falta de interesse e a falta de disposição por parte dos mais velhos é o principal fator para o distanciamento da Internet (MORRIS et al., 2007; DIAS, 2012; LUGANO E PELTONEN; 2012), para compreender os reais motivos pelos quais esses feirantes idosos estão excluídos virtualmente, seria necessária uma outra pesquisa a partir desse recorte, já que será preciso analisar e verificar tais fatores de modo aprofundado.

Convém ainda evidenciar uma parcela de entrevistados, com meia idade, entre 43 a 54 anos, que reestruturaram suas vidas economicamente, pela mudança drástica do seu modo de comercialização face a face com o cliente, para o universo das redes sociais. Feirantes que afirmaram que se denominavam excluídos digitalmente no início da pandemia, mas que em poucos meses adquiriram suas habilidades por conta própria, devido a necessidade imediata de interagir e de divulgar o seu trabalho via redes sociais. Neste sentido Pinheiro (2007) manifesta que a inclusão digital só passa a ter sentido no seu conceito quando desencadeia no sujeito, a habilidade de operar com as massas de informação criadas pelo computador e quando este deixa de desempenhar o simples papel de consumidor da informação para se tornar um produtor de conhecimentos, bens e serviços. Por este ângulo foi possível observar as seguintes falas:

F7: Eu posso dizer para você que eu era bem cega, claro que hoje eu ainda não tenho o domínio, longe de mim [...]. Então, o que foi que eu fiz? Comecei a assistir vídeos na internet, por exemplo, eu ia lá e pesquisava: “Como se faz para tirar uma foto do

computador e trazê-la para o celular?” Eu comecei assistir vídeos daquilo que eu tinha dúvida. [...] Então tudo o que eu aprendi foi assim e isso me fez crescer muito, hoje eu me sinto incluída nesse cenário, pelo meu esforço. Eu digo para você que agora com a questão da Internet e das redes sociais, eu tô cheia de encomendas, hoje é sábado e graças a Deus eu tô aqui trabalhando. Deixa eu te mostrar, óh tudo isso aqui é entrega. Olha o tanto que já está pronto aqui para o motoboy ir entregar.

F9: Estávamos no final de março e todas as feiras de repente pararam, eu estava em casa sozinha com todo meu produto que vendia nas feiras e não tinha o que fazer. Então eu pensei “Vou colocar nas redes sociais, buscar interagir com outros feirantes”, mas eu não sabia fazer nada, eu era zero nisso. Eu sei que já deveria ter buscado isso há tempo, mas não fiz porque até então não precisava. [...] Agora eu precisava correr atrás, o que eu fiz? Fui para o Youtube fazer buscas: “Como postar foto? Como usar o Instagram? Aí uma página indicava a outra eu ficava consumindo todo aquele conteúdo. Daí comecei a mexer no Instagram, e fui crescendo, crescendo, e cada novo seguidor era uma vitória para mim. Daí decidi dar miniaulas através de vídeos, mostrar os meus bastidores e o pessoal gostou muito... [...] Enfim, o que posso lhe dizer é que minhas vendas aumentaram muito, hoje eu estou vendendo mais do que vendia na feira, porque eu corri atrás, fui aprender a fazer as coisas sozinha.

Barreto Junior e Rodrigues (2012) afirmam que estudos desenvolvidos pela pesquisa TIC Domicílio 2010 demonstram o crescimento, desde 2007, do índice de usuários de Internet que adquiriram suas habilidades por conta própria, através de aplicativos auto explicativos. A pesquisa também apontou que entre os usuários de computador da região urbana 69%, declararam ter alcançado suas habilidades sozinho, de maneira independente. Aqui aconteceu do mesmo modo, apenas pela diferença de que o meio pelo qual os feirantes buscaram o desenvolvimento de suas habilidades e autonomia foi por meio de vídeos explicativos e intuitivos no YouTube. Nesta visão, Silva et al. (2005) apresentam a inclusão digital como um desenvolvimento gradativo que conduz o indivíduo à aprendizagem para a utilização das TICs e ao acesso à informação disponível nas redes, principalmente aquela que fará mudança para a sua vida e para a comunidade da qual está inserido. Diante disso, observa-se o seguinte diálogo:

F9: Um colega meu lá da feira me ligou: “Tati eu tô vendo seu crescimento pelas redes”, porque viu os vídeos que eu fazia. “Meu Deus como tu tá bombando, que coisa maravilhosa, pena que meu produto não é igual o teu.” Aí eu falei para ele: “Ah Léo, como que tu pode dizer isso? É a melhor hora para apresentar o teu produto.” Ele vende discos de vinil, tem as melhores seleções e ainda toca de uma maneira incrível. Daí eu falei para ele “Se eu tivesse teu conhecimento em música eu faria lives todos os dias apresentando a história do vinil”. Porque tá cheio de pessoas com vitrolas em casa, é última moda, sabe? Eu disse para ele “Porque tu não tá fazendo isso?”, ele respondeu “Será?”. E eu disse “Vai mete a cara!” aí ele se animou “me ajuda?” E eu disse claro com certeza. [...] Eu acho que esse é o melhor momento para a gente se apresentar, mostrar nossos bastidores, nossa vivência com nossa arte [...]. As pessoas terão a oportunidade de olhar para aquele profissional de outra maneira, sentir o íntimo dele, o que o move a fazer a sua arte.

Lèvy (1999) apresentou a cibercultura com uma cultura dotada de técnicas, valores, pensamentos e atitudes das pessoas que se articulam no ciberespaço. Segundo Lèvy (1999) as relações offline também compõem esse movimento, já que muitas ações também acontecem

fora dos computadores, como por exemplo, ideias que estimulam produções sejam intelectuais ou artísticas, além do convívio social mantido com outras pessoas fora das redes. Para Lemos (2007), as redes sociais têm proporcionado mais alternativas para a interação, produção, distribuição e compartilhamento de informações, salientando que o cenário de mudança das redes permite, entre outros pontos, a reconfiguração da velocidade dos fluxos nos processos informacionais, bem como a criação de novos modos de intermediação das mensagens midiáticas. Com base nisso, ele interpreta a concepção de mídias pós-massivas, distinguindo-as dos meios de comunicação de massa produzidos pela indústria cultural que são unidirecionais, ou seja, o emissor distribui para um grande número de receptores, conteúdos produzidos. Enquanto nas mídias sociais com funções pós-massivas surgem redes telemáticas, que por serem abertas, qualquer pessoa pode emitir informação em rede.

Frente a isso é possível identificar que as redes sociais têm proposto um novo quadro para os feirantes, no qual agora esses passam a ocupar o papel de sujeitos produtores de conteúdo, a partir de imagens construídas, onde suas identidades estão sendo criadas combinadas com o mundo off-line. Contudo, segundo Berger (1996) as identidades são construídas no âmbito de um jogo de reconhecimentos, onde os indivíduos buscam estabelecer relações que sustentem suas auto interpretações, através de papéis, como se utilizassem máscaras para representar. Aqui os saberes de competências e ideias compartilhadas, baseadas no sentimento de reciprocidade (LÈVY, 1999), permitem o desenvolvimento de novos nichos para a comercialização dos seus produtos.

A vista disso foi possível identificar como a influência e a ajuda mútua, têm direcionado o caminho da transformação dos modos de fazer feira para este novo espaço imaterial. Onde a solidariedade agora destaca-se por meio do incentivo e do compartilhamento de ideias e conhecimento técnico. Onde o espaço público agora não é mais a praça física, mas uma praça digital, no qual a identidade do feirante que estava atrás do balcão de uma barraca passa a ser o destaque do produto. Em que a forma de apresentar o produto não ocorre mais face à face, mas através da comunicação virtual, por meio da valorização da imagem através de imagens disponibilizadas nas redes. Um lugar no qual o modo de ofertar e efetuar a venda, já não se dá mais para aquele que transita pelo território da feira, mas a todos aqueles que forem alcançados por meio das publicações disparadas nas redes sociais.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa foi apresentada com a finalidade de buscar compreender como os feirantes da Feira da Freguesia tem buscado se organizar, colaborarem entre si e se desenvolverem, através do uso das redes sociais, neste período de distanciamento físico ocasionado pela pandemia do coronavírus. À medida que o estudo foi avançando percebeu-se que era necessário compreender primeiramente a visão que eles tinham da feira como propósito, tal como os fortes laços que os uniam. Sendo que esses laços haviam sido gerados em suas relações por meio da territorialidade e suas dinâmicas, bem como seu modo de organização, estava sendo transportados para a relações no ciberespaço. Desta maneira, tentou-se demonstrar desde a formação do grupo, ao seu sentimento de comunidade, sua heterogeneidade, à partir

das ramificações de subgrupos e seus cruzamentos com outras feiras, com intuito do alcance dessa finalidade.

A vista disso, foi feita a análise de cada um dos itens mencionados, já que por meio desses apresentavam-se a todo tempo convergências mediante escolhas e comportamentos que se manifestavam nas interações através das redes sociais. As percepções dos feirantes acerca dos mais de 5 anos de experiências vivenciadas no espaço físico da feira, revelaram-se muito ricas para o desnudamento do fenômeno transitório estudado, considerando que o ponto chave para esse processo foi a interrupção abrupta das interações face a face, deixando o espaço físico da feira como referência, para a necessidade dessas interações passarem a ser substituídas para as interações virtuais, por meio das redes sociais.

A partir da análise, por partes, do desencadeamento de cada estágio do processo, foram revisitadas desde contribuições clássicas de comunidade e sociabilidade às contribuições mais recentes. Assim, ficou claro que ao observar o coletivo de feirantes, com base na visão clássica de comunidade de Tönnies (1989), desde o modo como se formou, com base na disposição das barracas dentro do território da feira, dividido por ramos de atividades, se enquadra claramente na concepção de comunidade de vizinhança. Com base nesse ponto de vista, visivelmente enxergam-se elementos como: o sentimento mútuo de confiança, favores trocados, os laços fortes que os unem em pequenos grupos pautados por seus interesses mútuos e suas especialidades laborais. Contudo, ao ser realizada a análise do coletivo de feirantes sob uma visão mais recente de comunidade, como a noção de Palacios (1997), por exemplo, também foi possível notar distintamente, que o modo como este tem se organizado no ciberespaço, por meio das redes sociais, manifestando suas dinâmicas e interações recíprocas, detectavam vínculos de comunhão, por meio da escolha. Aqui a decisão de quererem estar juntos, manifestou-se da escolha de cada feirante, de partilharem nas redes o mesmo ideal de vida, o que também configura o coletivo como uma comunidade contemporânea.

Levando em conta essas verificações e cada ponto estudado, foi possível chegar a conclusão que a noção basilar de coletivo para os feirantes da Feira da Freguesia é uma esfera envolvida por vínculos emocionais fortes, carregada de segurança, sentimento de pertencimento e solidariedade, seja ela apoiada na territorialidade física ou na territorialidade simbólica. Sendo que para eles a garantia desses elementos é assegurada por meio da organização em pequenos grupos, definindo suas identidades a partir das suas escolhas, particularidades e interesses, tornando estes como refúgios de bem estar emocional.

No entanto, a base fundamental de todas as relações apresentadas foi o sentimento de pertencimento e a reciprocidade, deslocando-se do espaço físico da feira, por conta do distanciamento social, e continuando a se manifestar de modo muito definido mesmo à

distância. Claro que isso não quer dizer que a relação face a face foi substituída pela relação virtual, pois foi possível verificar sentimento de saudades, entre os feirantes, de estarem juntos na feira. Mas que através dos dois modos, ações interacionais entre os feirantes são expressadas para manutenção dos seus laços sociais, o que também caracteriza duas formas de sociabilidades distintas: a sociabilidade fundamentada por meio do espaço físico da feira e a sociabilidade virtual. É possível também observar isso, através dos relatos dos feirantes, do quanto estes se sentem “presentes”, ligados emocionalmente, ao se comunicarem por meio da plataforma do Whatsapp. Deste modo, conclui-se que mesmo com a distância física, o sentimento de pertença continua e o que está em jogo é a vontade e seus interesses em comum compartilhados.

O uso da tecnologia através das redes sociais, como meio de comunicação, apresentou-se favorável à manutenção da proximidade entre os feirantes. Contudo, isso não implica que houve um abandono das barreiras formadas dentro do território da feira, mas que as suas relações não estão mais limitadas a elas. Sendo assim, concluiu-se que a manutenção dos laços sociais tem se dado acima de tudo a partir do sentimento de pertença que existe intrinsecamente entre os feirantes, de quererem estar juntos como uma família.

As conexões e interações dos subgrupos com outras feiras originadas no território físico também apareceram deslocadas para o território simbólico, o que tem implicado no fortalecimento de relações fluidas, através da ligação dos feirantes da Feira da Freguesia com vários coletivos, mediante uma causa em comum. Isso tem reforçado ainda mais o desenvolvimento de identidades híbridas.

A manutenção e o fortalecimento dos pequenos grupos, também revelou-se como reação à ameaça aos obstáculos causados pela pandemia. Contudo, agora que o local não se fundamenta mais como polo, feirantes mais idosos apareceram como excluídos digitalmente, à margem do acesso à informação. Sob esse cenário que se desdobra, o domínio das TICs passou a ser indispensável para a manutenção da conexão e da interação do coletivo. Um problema que ganha especial relevância uma vez que uma importante parcela do coletivo tem deixado de ter acesso pleno à sua participação. Esse é um dos motivos que traz ao contexto a necessidade urgente de pensar em novos meios para incluir esses feirantes, para que não permaneçam excluídos das relações com o coletivo, oportunizando para eles a capacidade de terem uma vida ativa e produtiva juntamente com os demais feirantes.

No acompanhamento deste processo de transformação, também foi identificado alguns feirantes, caracterizados como imigrantes digitais (Prensky, 2001), que também se autodenominavam excluídos digitalmente, que foram em busca da auto inclusão. Aqui observou-se o compartilhamento de saberes e o desenvolvimento da identidade singular do

feirante nas redes sociais por meio da produção de imagens, já que agora o cunho da divulgação não está mais focado no produto físico, mas na identidade do feirante e o que o move a fazer a sua arte. A dissipação desse novo modelo de divulgação sócio-digital, possivelmente gerará novos impactos e elementos nas relações entre os feirantes e com seus modos de comercialização, resultando em uma nova forma formal virtual de “fazer feira”. Por se tratar de um fenômeno ainda em instauração, a análise aqui realizada apenas apontou sua ocorrência e desenvolvimento, contudo, recomenda-se futuramente um novo estudo, quando essas relações estiverem mais arranjadas.

Finalizando, saliento que apesar da pesquisa ter sido apresentada em partes, é fundamental que seja considerado o todo do processo. Pois mesmo que se tenha feito a análise de cada aspecto estudado pela divisão de capítulos, entre o antes e depois do distanciamento físico ocasionado pelo Covid, claramente há particularidades das relações vivenciadas no espaço físico que estão refletindo nas relações no ciberespaço. Assim afirmo, que para os feirantes, neste primeiro momento, a escolha da organização das relações em si tem permanecido, no entanto, seus modos de interação tem sofrido mudanças, configurando novas formas de sociabilidades por meio das redes sociais.

## REFERÊNCIAS

AGUIRRE, A. **Diccionario Temático de Antropología**. 2 ed. Barcelona: Delta Publicaciones, 1988. 676p.

ALTMAN, I. **Environment and social behavior: privacy, personal space, territory and crowding**. Monterey, CA: Books. Cole. 1975. 256p.

BALDANZA, R. F. **Comunicação e interação on-line como nova forma de sociabilidade: analisando uma comunidade virtual de turismo**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação Social da UERJ. Rio de Janeiro. 2007. 117f. Disponível em: [http://www.bdttd.uerj.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=321](http://www.bdttd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=321). Acesso em 05. maio. 2020

BARRETO JUNIOR, I.; RODRIGUES, C. **Exclusão e inclusão digitais e seus reflexos no exercício de direitos fundamentais**. Revista Direitos Emergentes na Sociedade Global,

v.1, n. 1, p. 169-191. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/REDESG/article/view/5958/pdf#YJk84bVKjIU>. Acesso em 07 mai. 2021.

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. 141p.

BERGER, P. L. **Perspectivas sociológicas - uma visão humanística**. Petrópolis: Vozes. 1996. 204p.

BERGMANN, H. M. B. Ciberespaço e cibercultura: novos desafios para a sociedade, a escola e as formas de aprendizagem. **Revista Caminhos da Geografia. Uberlândia**, v. 7, n. 20, p. 22-28, 2006.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: Brasília, DF: Senado Federal, 1988. 413p. Versão atualizada até a Emenda n. 107/2020. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 07 mai. 2021.

BRASIL. **Conselho Nacional de Saúde, Ministério da Saúde**. Recomendações – Conselho Nacional de Saúde. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/1132-recomendacao-n-027-de-22-de-abril-de-2020>. Acesso em 07 mai. 2021.

BRASIL. Estatuto do Idoso. **Brasília – DF: Senado Federal**, 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm). Acesso em: 07 mai. 2021.

BUBER, M. **Sobre comunidade**. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 2008. 136p.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 630p.

\_\_\_\_\_. **O poder da identidade**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

CARLSSON, C. **Nowtopia: iniciativas que estão construindo o futuro hoje**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014. 320p.

CJAZA, S. J.; LEE, C. C. The impact of aging on access to technology. **Universal access in the information society**, v. 5, n. 4, p. 341-349, 2007.

CORREIO DE SANTA CATARINA. Feira da Freguesia de São José cresce em expositores e oportunidades. Disponível em: <https://www.correiosc.com.br/feira-da-freguesia-de-sao-jose-cresce-em-expositores-e-oportunidades/>. Acesso em 20 nov. 2020.

DIAS, I. O uso das tecnologias digitais entre os seniores. Motivações e interesses. **Sociologia, Problemas e Práticas**, v. 68, p. 51-77, 2012

DURKHEIM, E. **Les formes élémentaires de la vie religieuse**. Paris: PUF, 1968. 90p.

DUVIGNAUD, J. **Festas e civilizações**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983. 236p.

EDNEY, J. J. Human territoriality. **Psychological Bulletin**, n. 81, v. 12, p. 959-975, 1974.

GIFFORD, R.; HINE, D. W. Toward cooperation in commons dilemmas. **Canadian Journal of Behavioral Science**, v.29, p. 67-168, 1997.

GRANOVETTER, M. The Strength of Weak Ties. **The American Journal of Sociology**, v. 78, n. 6, p. 1360-1380, 1973.

HONORATO, E. J. S. Comunidade Virtual Orkut: uma análise psicossocial. *In*: PRADO, O. Z.; Fortim, F.; Cosentino, L. Psicologia e Informática: **Produções do III Psicoinfo e II Jornada do NPPI**, p. 31-47, 2006.

JONES, Q. Virtual-Communities, Virtual Settlements & CyberArchaeology – A Theoretical Outline. **Journal of Computer Mediated Communication**, v. 3, n. 3, 1997. Disponível em: <http://jcmc.huji.ac.il/vol3/issue3/jones.html>. Acesso em 30 de nov. 2020.

KERCKHOVE, Derrick de. **A pele da cultura: investigando a nova realidade eletrônica**. Lisboa: Relógio D'Água Editores. 1997. 250p.

PINHEIRO, M.M. K. **Observatório da inclusão digital: Descrição e avaliação dos indicadores adotados nos programas**. *In*: VIII ENANCIB - ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2007, Salvador. **Anais [...]**. Disponível em: <http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/1233/Observat%c3%b3rio.pdf?sequence=1>. Acesso em: 15 mar. 2021.

KOURY, M. G. P. **Emoções, sociedade e cultura: a categoria de análise das emoções como conceito-chave**. Curitiba: RCV, 2009. 106p.

LAKATOS, E. V.; MARCONI, M. **Sociologia Geral**. São Paulo. Atlas, 1999. 440p.

LEMOS, A.; COSTA, L. F. Um modelo de inclusão digital: o caso da cidade de Salvador. **Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación**, v. 7, n. 3, 2005. Disponível em: [https://www.academia.edu/1771445/Um\\_modelo\\_de\\_inclus%C3%A3o\\_digital\\_o\\_caso\\_da\\_cidade\\_de\\_Salvador](https://www.academia.edu/1771445/Um_modelo_de_inclus%C3%A3o_digital_o_caso_da_cidade_de_Salvador). Acesso em: 25. out. 2020.

LEMOS, A. Ciberespaço e tecnologias móveis. Processos de territorialização e desterritorialização na cibercultura. **Imagem, visibilidade e cultura midiática. Livro da XV COMPOS. Porto Alegre: Sulina, 2007. 293p.**

LÈVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 10 ed. São Paulo, 1998a. 216p.

\_\_\_\_\_. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. **Revista Famecos**, v. 5, n. 9, p. 37-49, 1998b.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. Editora 34. São Paulo, 1999. 272p

LUGANO, G.; PELTONEN, P. Building intergenerational bridges between digital natives and digital immigrants: Attitudes, motivations and appreciation for old and new media. **Generational use of new media**, p. 151-170, 2012.

MAFFESOLI, M. **A sombra de Dionísio - Contribuição a uma sociologia da orgia**. Rio de Janeiro: Graal, 1985. 160p.

\_\_\_\_\_. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. 340p.

maus

\_\_\_\_\_. **O Mistério da Conjunção: ensaio sobre comunicação, corpo e sociedade**. Tradução Juremir M. Silva. 1 ed. Porto Alegre: Sulina. 2005. 104p.

MAGNANI, J. G. C. **“Tribos urbanas: metáfora ou categoria?”**, in Cadernos de Campo, FFLCH/USP, São Paulo, ano 2, n 2, 1992. Disponível em <http://www.n-a-u.org/Magnani.html>. Acesso em 07. maio. 2021.

MATIAS-PEREIRA, J. **Curso de Administração Pública: foco nas instituições e ações governamentais**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2010. 320p.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. *In: Sociologia e Antropologia*, São Paulo. EPU, 1974: 183-314.

MÁXIMO, M. E. O eu encena, o eu em rede: um estudo etnográfico nos blogs. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 7, n. 2, p. 25-47, 2007. DOI: 10.15448/1984-7289.2007.2.3523. Acesso em 05 mai. 2021

MENESES, J. **El caso de Orkut.com: uma reflexión sobre la exploración de nuevos caminos para la sociabilidad online em la tradición del estudio de las comunidades virtuales**. Disponível em: <http://www.cibersociedad.net/congres2004/index-pt.html>. Acesso em: 03 dez. 2020.

MORRIS, A.; GOODMAN, J.; BRANDING, H. Internet use and non-use: views of older users. **Universal access in the information society**, v. 6, n. 1, p. 43-57, 2007.

PAIVA, R. **O espírito comum: comunidade mídia e globalismo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. 176p.

PAIS, J. M.; DA SILVA BLASS, L. M. (Orgs). **Tribos urbanas: produção artística e identidades**. São Paulo, Annablume/CAPES, 2004. 234p.

PALACIOS, M. S. Cotidiano e sociabilidade no cyberspaco: apontamentos para uma discussão. In: FAUSTO NETO, A.; PINTO, M. J. (Org.). **O indivíduo e as mídias**. Rio de Janeiro, 1996, p. 87-104. Disponível em: <http://www.comunidadesvirtuais.pro.br/hipertexto/biblioteca/palacios.pdf>. Acesso em 05 de maio de 2021.

\_\_\_\_\_. **O medo do vazio: comunicação, socialidade e novas tribos**. *In: Vivências*, Natal, CCHLA-UFRN, v.7, n.1, 1993 e republicado em versão revista in: RUBIM, A. A. C. (Org) *Idade Mídia*, Salvador, Editora da UFBa, 1995.

PALFREY, J.; GASSER, U. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de Nativos digitais**. Porto Alegre - RS: Editora Artmed, 2011. 352 p.

PRENSKY, M. Digital Natives. Digital Immigrants. **On the Horizon**, v. 9, n. 5, 2001.

Disponível em: <http://www.nnstoy.org/download/technology/Digital%20Natives%20-%20Digital%20Immigrants.pdf>. Acesso em: 07. maio. 2021.

SÃO JOSÉ. Prefeitura municipal de são José, Feira da Freguesia. Disponível em: <https://www.saojose.sc.gov.br/index.php/turista/feira-da-freguesia>. Acesso em 10 set. 2020.

RECUERO, R. **Comunidades virtuais em redes sociais na internet: proposta de tipologia baseada no fotolog.com**. 2006, 334f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

\_\_\_\_\_. **Comunidades Virtuais: uma abordagem teórica**. ECOS Revista. Pelotas/RS, v. 5, n. 2, p. 109-126, 2001.

\_\_\_\_\_. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre. Sulina, 2009. 206p.

RHEINGOLD, H. **La Comunidad Virtual: Una Sociedad sin Fronteras**. Gedisa Editorial. Colección Limites de La Ciência. Barcelona, 1994. 384p.

SACK, R. D. **Human territoriality: its theory and history**. London: CUP Archive, v. 7, 1986. 272p.

SANTOS, H. Interação social e novas mídias: elementos para uma análise da interação mediada. Revista Famecos. n. 18, p. 99-105, Ago/Nov, 2002. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3172/2442>. Acesso em 05 mai 2021.

SANTOS, J. R.; SEVERIANO, J. **Ecovilas e Comunidades Intencionais: Ética e Sustentabilidade no Viver Contemporâneo. Evolução Criadora**, 26. Mar. 2011. Disponível em: <http://evolucaocriadora.blogspot.com/2011/03/ecovilas-e-comunidades-intencionais.html>. Acesso em 12 abr. 2021.

SCHUCH, P. **Práticas de justiça: antropologia dos modos de governo da infância e juventude no contexto pós-ECA**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009. 296p.

SCHÜTZ, A. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. 360p.

SILVA, H.; JAMBEIRO, O.; LIMA, J.; BRANDÃO, M. A. Inclusão digital e educação para a competência informacional: uma questão de ética e cidadania. **Ciência da Informação**, v. 34, n. 1, p.28-36, jan./abr. 2005.

SILVA, M. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2000. 272p.

SIMMEL, G. A sociabilidade. Exemplo de sociologia pura ou formal. In: \_\_\_\_\_. **Questões fundamentais da sociologia: sujeito e sociedade**. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 69-82, 2006b.

\_\_\_\_\_. **Como as formas sociais se mantêm**. In: MORAES FILHO, E. (Org). Sociologia. São Paulo: Ática, v. 34, 1983a.

\_\_\_\_\_. **Questões Fundamentais da Sociologia**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006a. 120p.

SEGATA, J. As implicações da etnografia on-line. Webinar 5. Prof.a Jean Segata. LAV – Laboratório de Antropologia Visual, 2020. 1 vídeo (80 min)2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7XvN26LxhMs&list=PLuRyvGgyZPVxLyM7hwMyk87KGmtdrrC-L&index=5>. Acesso em 10 fev. 2021.

TÖNNIES, F. Comunidade e sociedade. In: CRUZ, BRAGA, M (Org.). **Teorias sociológicas**, v. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989. p. 511-518.

\_\_\_\_\_. Comunidade e sociedade como entidades típicoideais. In: FERNANDES, F. (Org.). **Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação**. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973. p. 96-116.

VELHO, G. (Org.). Estigma e comportamento desviante em Copacabana. In: \_\_\_\_\_. **Desvio e divergência: uma crítica da patologia social**. 4 ed., Rio de Janeiro: Zahar, [1974] 1981, p. 116-124.

\_\_\_\_\_. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 140p.

\_\_\_\_\_. **Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. 112p.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira. 1967. 301p.

\_\_\_\_\_. Comunidade e sociedade como estruturas de socialização. In: FERNANDES, F. (Org.). **Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação**. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973. p. 140-143.

\_\_\_\_\_. **Conceitos básicos de Sociologia**. São Paulo: Centauro Editora, 2005. 104p.

WARSCHAUER, M. **Technology and social inclusion: Rethinking the digital divide**. MIT press, 2004. 272p.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. **Social Network Analysis. Methods and Applications**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1994. 868p.

WELLMAN, B.; GULIA, M. Virtual Communities as Communities. In: KOLLOCK, P.; SMITH, M. **Communities in Cyberspace**, London and NY, Routledge, 1999. 28p.

WELLMAN, B. **An electronic group is virtually a social network**. In: KIESLER, S. (Org.). **Cultura of the Internet**, n. 4, 179-205, 1997

WERTHEIM, M. **Uma história do espaço de Dante à internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. 240p.

WITTE, J. C.; MANNON, S. E. **The Internet and Social Inequalities**. New York: Routledge. 2010. 192p.

## **APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA**

Universidade Federal de Santa Catarina Aluna: Miriam Eliza da Silva Goulart

Orientadora: Viviane Vedana

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Entrevistado: \_\_\_\_\_

Expositor/Feirante (ramo): \_\_\_\_\_

### **Roteiro de Entrevista**

1. Idade:
2. Formação:
3. Cidade que reside:
- 4: Além de feirante, possui alguma outra ocupação ou fonte de renda?

5. O que produz e comercializa na Feira da Freguesia?
6. Há quanto tempo participa do coletivo?
7. Por quais interesses pessoais se uniu ao grupo? Consegue listar pelo menos três?
8. Você consegue perceber esses mesmos interesses em outros feirantes?
9. Tem ideia de quantos feirantes compõem o grupo ativamente na feira?
10. Como descreveria as relações sociais entre os feirantes no espaço físico da feira?
11. Você tem acesso à internet? Caso sim, poderia comentar sobre sua experiência pessoal.
12. Faz uso das redes sociais? Caso sim, de quais redes? Compartilhe sua experiência pessoal.
13. Você tem interagido através de alguma rede social com os demais feirantes da Feira da Freguesia?
14. Caso sim. Como descreveria as interações de vocês feirantes, como grupo, durante este período de distanciamento físico, ocasionado pela pandemia?
15. Caso haja comunicação por meio de mais de uma rede social, você consegue perceber alguma diferença nas interações de vocês em cada uma das redes? Caso sim, comente sobre essas diferenças.
16. Do número de expositores ativos na Feira da Freguesia, quantos aproximadamente que você acredita que estão ativos, interagindo nas redes sociais? Comente caso esteja sentindo falta de alguém.
17. Nessas interações, existe algum tipo de organização prévia objetivando algum interesse específico em cada rede? Caso sim, comente a respeito.
18. Existem feirantes dentro do grupo que tomam frente na organização dessas interações? Caso sim, comente como se dão essas ações.
19. Caso ocorram encontros online ou *lives*, com que frequência tem se dado? Poderia relatar um pouco sobre essa experiência.
20. Durante este período de distanciamento físico você acredita ser importante a existência dessas interações online para você e os feirantes manterem a sua unidade como grupo? Caso sim, quais dificuldades tem encontrado?



## APÊNDICE B - CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO REITOR JOÃO DAVID FERREIRA LIMA – TRINDADE  
CEP: 88040-900 – FLORIANÓPOLIS – SC  
TELEFONE (48) 3721-9508  
sociais@cfh.ufsc.br

### Carta de Apresentação

**Miriam Eliza da Silva Goulart** é estudante da graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com **matrícula 12201516**. A aluna está realizando uma pesquisa sobre sociabilidades urbanas em tempos de distanciamento social, que no presente momento vem acontecendo por meios virtuais. E para isso apresentará a perspectiva dos feirantes da Feira da Freguesia que tem buscado manter suas práticas cotidianas através de *lives* e redes sociais. A pesquisa será pautada em entrevistas com os feirantes e com alguns profissionais vinculados a Fundação Municipal de Cultura e Turismo da Prefeitura Municipal de São José, para buscar compreender melhor o funcionamento da feira, o meio virtual onde o grupo em estudo tem se encontrado como usuário de internet, os tipos de plataformas que estes têm usados, bem como o tipo de infraestrutura e elementos materiais que tem constituído esse novo meio de integração como feirantes. A realização desta pesquisa é o requisito necessário para a conclusão do curso de bacharel em ciências sociais. Informamos ainda, que o trabalho seguirá as regras de distanciamento social para a manutenção da segurança sanitária de todos os entrevistados.

Atenciosamente,

Miriam Eliza S. Goulart  
Acadêmica de Ciências Sociais/UFSC  
Matrícula 12201516



Viviane Vedana  
Doutora em Antropologia Social  
Professora Orientadora